



FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DE RONDÔNIA
CAMPUS JOSÉ RIBEIRO FILHO
NÚCLEO DE CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE LÍNGUAS VERNÁCULAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS
MESTRADO ACADÊMICO EM LETRAS

JOSIANE BRUNHAGO SAUKIO

**A DESCOLONIZAÇÃO NA POESIA DE ELIZEU BRAGA: UM OLHAR
DIFERENCIADO SOBRE A AMAZÔNIA**

PORTO VELHO – RO

2023

JOSIANE BRUNHAGO SAUKIO

**A DESCOLONIZAÇÃO NA POESIA DE ELIZEU BRAGA: UM OLHAR
DIFERENCIADO SOBRE A AMAZÔNIA**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação Mestrado em Letras – PPGML, da Fundação Universidade Federal de Rondônia – UNIR, *Campus* José Ribeiro Filho, de Porto Velho – RO, como requisito parcial de avaliação para obtenção do título de Mestre em Letras.

Orientadora: Profa. Dra. Sônia Maria Gomes Sampaio.

PORTO VELHO – RO

2023

Catalogação da Publicação na Fonte
Fundação Universidade Federal de Rondônia - UNIR

S255d Saukio, Josiane Brunhago.

A descolonização na poética de Elizeu Braga: um olhar diferenciado sobre a Amazônia /
Josiane Brunhago Saukio. - Porto Velho, 2023.

65 f.: il.

Orientadora: Profa. Dra. Sônia Maria Gomes Sampaio.

Dissertação (Mestrado), Programa de Pós-Graduação Mestrado em Letras, Fundação
Universidade Federal de Rondônia.

1. Literatura. 2. Amazônia. 3. Descolonização. 4. Elizeu Braga. I. Sampaio, Sônia Maria
Gomes. II. Título.

Biblioteca Central

CDU 80(043.3)



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DE RONDÔNIA
MESTRADO EM LETRAS

ATA DE DISSERTAÇÃO

MESTRANDO: JOSIANE BRUNHAGO SAUKIO

INICIOU O CURSO EM: Dezembro de 2020

ATA DE DEFESA

No dia vinte e seis de junho de dois mil e vinte e três, às dezenove horas, foi realizada a Sessão Pública de Defesa da Dissertação de Mestrado da pesquisadora **Josiane Brunhago Saukio**, discente do Curso de Mestrado Acadêmico em Letras, Programa de Pós-Graduação Mestrado em Letras (PPGML), a banca, constituída pela orientadora Professora Dra. Sônia Maria Gomes Sampaio (Universidade Federal de Rondônia, presidente), pela Professora Dra. Marília Lima Pimentel Cotinguiba (Universidade Federal de Rondônia, membra interna), pela Professora Dra. Auxiliadora dos Santos Pinto (Universidade Federal de Rondônia, membra externa ao programa) e a pela Professora Dra. Ana Maria Felipini Neves (Universidade Federal de Rondônia, membra externa ao programa), avaliou a dissertação intitulada "**A DESCOLONIZAÇÃO NA POESIA DE ELIZEU BRAGA: UM OLHAR DIFERENCIADO SOBRE A AMAZÔNIA**", para servir de componente curricular para a obtenção do título de Mestre em Letras. Uma vez instalada a sessão, a presidente cumprimentou os presentes, explicando os passos a serem dados. Primeiramente, durante trinta minutos, a mestranda Josiane Brunhago Saukio realizou a apresentação de seu trabalho, havendo a cessão da palavra, em seguida, para manifestação de cada participante da banca, que debateu alguns temas com a mestranda, a qual, ao esclarecer questões levantadas, declarou que iria cumprir as deliberações conforme as recomendações da banca, ouvidas as orientações da presidente. Finalmente, manifestou-se a orientadora, que, ao final, explicou que haveria reunião dos membros da banca à parte em outra sala virtual, para debate e deliberação sobre a aprovação do trabalho apresentado e discutido. Após o debate privado, conforme apregoa o Regimento do Programa, retornando à sala todos os membros da banca, foi realizada uma leitura do extrato desta ata pela Presidente, que declarou haver a dissertação sido APROVADA pela banca, sob o compromisso de consideração das recomendações realizadas durante a defesa e realização dos ajustes indicados, com a mediação da orientadora. Nada mais havendo a tratar, a presidente declarou encerrada a presente sessão, esclarecendo-se que a ata será expedida, uma vez levada ao SEI/UNIR, e que será ali assinada pelos membros da Banca Examinadora, para surtir os efeitos legais.

RESUMO:

Após a explanação, observação, arguição e recomendação, a banca considerou a dissertação:

(X) APROVADA, devendo o mestrando satisfazer, no prazo máximo de 60 (sessenta) dias, as exigências expostas no debate, segundo explicadas pelo seu Orientador da Dissertação de Mestrado.

Recomendação de alteração de título? () Não

* Esta ata não é documento hábil de conclusão de curso, devendo ainda a mestranda, uma vez cumprida a exigibilidade de aprovação da dissertação, realizar alterações nela conforme tenham sido deliberadas pela Banca e, após isso, entregá-la, em formato eletrônico, na secretaria do Programa, com todos os demais componentes regulamentares, para, só então, poder ser tido como conclusivo o Curso e poder solicitar a confecção do diploma, conforme título VII do Regimento Geral do Curso.



Documento assinado eletronicamente por **SONIA MARIA GOMES SAMPAIO, Docente**, em 12/07/2023, às 10:07, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **AUXILIADORA DOS SANTOS PINTO, Membro da Comissão**, em 12/07/2023, às 11:00, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **ANA MARIA FELIPINI NEVES, Docente**, em 12/07/2023, às 16:57, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **MARILIA LIMA PIMENTEL COTINGUIBA, Docente**, em 16/07/2023, às 19:27, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site http://sei.unir.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **1390741** e o código CRC **11A5771C**.



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DE RONDÔNIA
MESTRADO EM LETRAS

LISTA DE VERIFICAÇÃO

JOSIANE BRUNHAGO SAUKIO

A DESCOLONIZAÇÃO NA POESIA DE ELIZEU BRAGA: UM OLHAR DIFERENCIADO SOBRE A AMAZÔNIA

Dissertação apresentada em 26 de junho de 2023 ao Programa de Pós-Graduação Mestrado em Letras (PPGML) da Fundação Universidade Federal de Rondônia (UNIR) como um dos requisitos para a obtenção do Título de Mestre em Letras e aprovada em sua forma final pela banca examinadora constituída pelos docentes:

BANCA EXAMINADORA

Professora Dra. Sônia Maria Gomes Sampaio, Presidente da Banca e Orientadora (UNIR);

Professora Dra. Marília Lima Pimentel Cotinguiba, Membro Interna ao Programa (UNIR);

Professora Dra. Auxiliadora dos Santos Pinto, Membro Externa ao Programa (UNIR);

Professora Dra. Ana Maria Felipini Neves, Membro Externa ao Programa (UNIR)



Documento assinado eletronicamente por **ANA MARIA FELIPINI NEVES, Docente**, em 12/07/2023, às 16:57, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **MARILIA LIMA PIMENTEL COTINGUIBA, Docente**, em 17/07/2023, às 20:40, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **AUXILIADORA DOS SANTOS PINTO, Docente**, em 20/07/2023, às 12:18, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **SONIA MARIA GOMES SAMPAIO, Docente**, em 21/07/2023, às 11:37, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site http://sei.unir.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **1392096** e o código CRC **F822282C**.

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho aos meus pais, Clélia Brunhago e José Saukio – *in memoriam* – por terem feito o melhor que puderam por mim. Também ao meu filho Caio Cezar Saukio Silva, por ser a melhor âncora, amor e suporte do mundo que eu posso ter.

AGRADECIMENTOS

“Dou-te graças, porque me respondeste e foste minha salvação”.

(Salmos 118:21)

Agradeço a Deus pelo dom da vida e por toda força e sabedoria que me concedes, além de me capacitar quando eu não me sinto capaz.

À minha orientadora Profa. Dra Sônia Maria Gomes Sampaio, que me acompanha e estimula desde a graduação. Sem ela, o sonho de estudar, de fazer o mestrado não seria real. Foi sua confiança em mim que me fez sonhar. Agradeço pela firmeza nos momentos de desespero e até de desânimo e também por seus conselhos e compreensão em todas as horas.

Ao autor Elizeu Braga, cuja obra tornou possível essa dissertação. Agradeço, também, pelo apoio e conversas que me auxiliaram imensamente no processo de elaboração deste trabalho.

Aos professores do Programa de Pós-graduação Mestrado Acadêmico em Letras, que fizeram seu melhor em transmitir seus conhecimentos e nos auxiliaram sempre que pedíamos.

Ao meu filho Caio Cezar Saukio Silva, por ser quem é e por confiar em mim. É só por ele que me dedico a ser sempre o meu melhor.

Aos meus amigos de vida e de todas as horas, por sempre torcerem por mim e pelas palavras de ânimo. Por nunca desistirem de mim. Não citarei os nomes porque são muitos, mas vocês sabem quem são.

E, por último, mas não menos importante, aos amigos do Mestrado, por todo apoio e força e auxílio em todos os momentos. Agradeço e amo a cada um de vocês.

A Amazônia está no imaginário de todo o mundo, como a vastidão das águas, matas e ares; o emblema primordial da vida vegetal, animal e humana; o emaranhado de lutas entre o nativo e o conquistador; o colonialismo, o imperialismo e o globalismo; o nativismo e o nacionalismo; a ideia de um país imaginário; o paraíso perdido; o eldorado escondido; a realidade prosaica, promissora, brutal; uma interrogação perdida em uma floresta de mitos.

(Octavio Ianni, 2015, p. 23)

RESUMO

Esta dissertação apresenta resultados da análise da obra *Mormaço*, segundo livro publicado pelo poeta Elizeu Braga, em especial dos poemas “Mormaço”, “Tenho Tribo” e “Parente”, sob a ótica dos estudos da Teoria Pós-colonial. Com a leitura da obra, surgiu-nos os seguintes questionamentos: qual é a temática central que Braga emprega nesta coletânea de poemas? Os traços e a estética utilizadas pelo autor podem ser consideradas descoloniais? A linguagem utilizada pelo autor nas composições são meios de desconstrução dos textos tradicionais? Nesse sentido, o objetivo deste trabalho é demonstrar uma análise pós-colonial da referida obra, buscando mostrar referências descolonizadoras sobre a linguagem, o espaço amazônico e a sociedade local nos três poemas já aludidos que integram *Mormaço*. Para tanto, foram estabelecidos os seguintes objetivos específicos: a) contextualizar a relação entre a Crítica Pós-colonial e a literatura, evidenciando suas origens, conceitos e investigações; b) discutir como se desenvolveu a literatura no âmbito da Amazônia, isto é, a Literatura Brasileira de Expressão Amazônica; c) apresentar a biografia do escritor Elizeu Braga e suas obras publicadas; e d) analisar e destacar aspectos descolonizadores nos poemas “Mormaço”, “Tenho Tribo” e “Parente”, que fazem parte da obra *Mormaço*, de Elizeu Braga. O estudo do tema é relevante porque há necessidade de dar visibilidade e valorização às obras de autores regionais, em especial àqueles que concretizam uma visão pós-colonialista, indo de encontro com o cânone literário, enaltecendo assim a visão de mundo do contexto sociocultural amazônico. A pesquisa do tipo bibliográfica e documental, de caráter exploratória, com abordagem qualitativa, foi desenvolvida a partir da utilização do método crítico-analítico. Como aporte teórico-metodológico, utilizamos os estudos dos seguintes autores: Thomas Bonnici (1998; 2005; 2009; 2011; 2012; 2019) Maycon Moura (2022), Frantz Fanon (1965), Miguel Nenevé e Sônia Sampaio (2016). Como resultado, observamos que as poesias que compõem a obra *Mormaço* são consideradas descolonizadoras, uma vez que o discurso que o autor emprega nos poemas trata-se de uma linguagem regionalista, bem como ambienta o espaço amazônico e critica o capitalismo e as relações de poder, aspectos característicos de textos pós-colonialistas.

Palavras-chave: Literatura. Amazônia. Descolonização. Elizeu Braga.

ABSTRACT

This dissertation presents results of the analysis of the work *Mormaço*, the second book published by the poet Elizeu Braga, in particular the poems “Mormaço”, “Tenho Tribo” and “Parente”, from the perspective of Postcolonial Theory studies. Reading the work, the following questions arose: what is the central theme that Braga employs in this collection of poems? Can the traits and aesthetics used by the author be considered decolonial? Is the language used by the author in the compositions a means of deconstructing traditional texts? In this sense, the objective of this work is to demonstrate a post-colonial analysis of the aforementioned work, seeking to show decolonizing references about the language, the Amazonian space and the local society in the three poems already alluded to that integrate *Mormaço*. To this end, the following specific objectives were established: a) contextualize the relationship between Postcolonial Criticism and literature, highlighting its origins, concepts and investigations; b) discuss how literature developed in the context of the Amazon, that is, the Brazilian Literature of Amazonian Expression; c) present the biography of the writer Elizeu Braga and his published works; and d) analyze and highlight decolonizing aspects in the poems “Mormaço”, “Tenho Tribo” and “Parente”, which are part of the work *Mormaço*, by Elizeu Braga. The study of the subject is relevant because there is a need to give visibility and appreciation to the works of regional authors, especially those who implement a post-colonialist vision, going against the literary canon, thus enhancing the worldview of the Amazonian sociocultural context. The bibliographical and documental research, of an exploratory nature, with a qualitative approach, was developed from the use of the critical-analytical method. As a theoretical-methodological contribution, we used the studies of the following authors: Thomas Bonnici (1998; 2005; 2009; 2011; 2012; 2019) Maycon Moura (2022), Frantz Fanon (1965), Miguel Nenevé and Sônia Sampaio (2016). As a result, we observed that the poems that make up the work *Mormaço* are considered decolonizing, since the discourse that the author uses in the poems is a regionalist language, as well as setting the Amazonian space and criticizing capitalism and power relations, characteristic features of post-colonial texts.

Keywords: Literature. Amazon. Decolonization. Elizeu Braga.

LISTA DE ABREVIATURA E SIGLAS

UNIR – Fundação Universidade Federal de Rondônia

UFES – Fundação Universidade Federal do Espírito Santo

EFMM – Estrada de Ferro Madeira-Mamoré

ACLER – Academia de Letras de Rondônia

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
I – A CRÍTICA PÓS-COLONIAL E A LITERATURA	16
II – A LITERATURA NA AMAZÔNIA: BREVE PERCURSO HISTÓRICO	23
2.1 O desenvolvimento literário na Amazônia	26
III – ELIZEU BRAGA: UM ESCRITOR DE LITERATURA BRASILEIRA DE EXPRESSÃO AMAZÔNICA.....	30
3.1 Elizeu Braga: o poeta beradeiro.....	34
IV – AS COMPOSIÇÕES DESCOLONIZADORAS DE ELIZEU BRAGA.....	37
4.1 A descolonização na obra Mormaço	41
CONSIDERAÇÕES FINAIS	57
REFERÊNCIAS.....	60

INTRODUÇÃO

O discurso verdadeiro, que a necessidade de sua forma liberta do desejo e libera do poder, não pode reconhecer a vontade de verdade que o atravessa; e a vontade de verdade, essa que se impõe a nós há bastante tempo, é tal que a verdade que ela quer não pode deixar de mascará-la.

(Michel Foucault, 1996, p. 20)

O livro *Mormaço*, escrito por Elizeu Braga, constitui-se em uma obra literária que nos instiga à curiosidade a partir de sua construção, a começar pela sua capa, uma vez que ela foi produzida de forma artesanal. Tal particularidade nos chamou atenção, tendo em vista que isso nos remete a outros tipos de produções populares, a exemplo do Cordel. Ao empreendermos a leitura da obra, somada aos estudos prévios sobre a Teoria Pós-colonial, surgiu-nos os seguintes questionamentos: Qual a temática central que Braga emprega nesta coletânea de poemas? Os traços e a estética utilizadas pelo autor podem ser consideradas descoloniais? A linguagem expressa nas composições são meios de desconstrução dos textos tradicionais?

Como forma de solucionar tal problemática, suscitou-nos a ideia deste trabalho, o qual tem como objetivo geral apresentar uma análise da obra *Mormaço*, sob o viés dos Estudos Pós-coloniais, em que evidencie os possíveis aspectos descolonizadores presentes no livro, assim como evidenciar, resgatar e desestruturar os traços da hegemonia social. Dentre os objetivos específicos, encontram-se: a) contextualizar a relação entre a Crítica Pós-colonial e a literatura, evidenciando suas principais características em comparação à dominação hegemônica; b) discutir como se desenvolveu a literatura no âmbito da Amazônia, isto é, a Literatura Brasileira de Expressão Amazônica; c) apresentar uma biografia do escritor Elizeu Braga; e d) analisar e destacar aspectos descolonizadores nos poemas “Mormaço”, “Tenho Tribo” e “Parente”, que fazem parte da obra *Mormaço*, de Elizeu Braga.

A fim de sanar tais indagações, surgiu as seguintes hipóteses: i) a obra é descolonizadora, pois fala de questões sociais e de poder; ii) a linguagem empreendida na obra são formas descolonizadoras, pois fogem dos padrões tradicionais; iii) o tema central da obra é o reconhecimento de si enquanto sujeito portador de direitos.

Para tanto, nesta investigação, empregamos a pesquisa do tipo bibliográfica e documental, de caráter exploratória, com abordagem qualitativa (GIL, 2002), foi desenvolvida a partir da utilização do método crítico-analítico.

Para tanto, nesta investigação, empregamos a pesquisa do tipo bibliográfica (GIL, 2002), porque ela nos permite contato direto com publicações que discorrem sobre o tema e documental, de caráter exploratória, pois ela nos concede uma maior familiaridade com o problema em tela, assim, deixando-o mais explícito (GIL, 2002), com abordagem qualitativa, já que ela nos permite reexaminar e modificar dado assunto, a fim de conseguir novas ideias mais abrangentes e significativas (GIL, 2002).

No processo de estudo, utilizamos como apoio teórico os fundamentos e publicações de autores como: Austin Warren e René Wellek (1962; 2003), com suas discussões sobre o texto literário, a teoria literária e o papel da Literatura na promoção de abordagens de temáticas que abrangem a sociedade; Aimé Césaire (1978), que discute sobre as questões que envolvem o discurso do colonialismo na conquista, bem como nos modos de dominação social; Albert Memmi (2007), que discorre acerca das questões que compreendem o colonizador e o colonizado; Thomas Bonnici (1998; 2005; 2009; 2011; 2012; 2019), que trata sobre a Teoria Pós-colonial, como as concepções, modos de estudo, histórico, entre outros assuntos que contêm os Estudos Pós-coloniais; Maycon Moura (2022), que traz em seu texto um estudo a respeito do autor Elizeu Braga; Frantz Fanon (1965), que menciona em seu escrito os modos dominadores da colonização e a violência do processo colonizador; e Miguel Nenevé e Sônia Sampaio (2016), que apresentam um estudo no que se refere à Teoria Pós-colonial, a exemplo do seu processo de origem e objetos de estudos.

No que se refere ao desenvolvimento da pesquisa, ela foi empreendida em quatro momentos, a saber: o primeiro se constituiu na elaboração do projeto de pesquisa, leituras e resumos acerca da Teoria Pós-colonial e da Literatura de Expressão Amazônica; o segundo momento figurou na releitura e escolhas dos poemas que seriam analisados neste estudo; o terceiro momento visou à releitura dos poemas, com critérios investigativos, em que utilizamos uma abordagem crítico-analítica da linguagem, por meio dos termos e expressões usados por Braga em suas composições, para evidenciar traços descolonizadores nas composições do escritor. Por fim, o quarto momento transcorreu na elaboração desta dissertação com os resultados alcançados através da pesquisa.

É relevante mencionarmos que o olhar investigativo e o modo de análise da Teoria Pós-colonial ainda não são estruturados de maneira efetiva, como também não há um consenso geral pelos teóricos nos modos investigativos no que diz respeito à teoria, a exemplo de: Manuela Leda (2014), que menciona que os Estudos Pós-coloniais possuem como objetivo indagar as narrativas tradicionais europeias acerca da colonização, isto é, a teoria busca mostrar como o processo colonizador disseminou as relações de poder entre o centro (Europa) e a periferia (nações colonizadas) subjugando culturas nativas; Carolina Rosa e Gilberto Silva (2017), que discorrem que os estudos sobre o colonialismo procuram debater e mostrar as relações que envolvem os sujeitos e países que compartilham da mesma herança cultural, econômica, político e social, deixadas pelas nações europeia; e Claudionor Silva e Viviane Drumond (2021, p. 88), os quais mencionam que a terminologia pós-colonialismo concede uma ideia em que afirmar o “pós” nos remete a uma ideia em que não há mais um “possível” colonialismo; assim, o termo pós-colonial é inserido em suspenso, já que se entende que ele denota um processo finalizado, logo, os autores apresentam a Teoria Pós-colonial de oposição, ao qual tem como premissa “descoloniza-se a prática quando se descoloniza o pensamento”.

Apesar de não possuir um consenso acerca dos objetivos e métodos de análises, com vista a demonstrar, nos escritos literários, por intermédio de análises críticas da linguagem, formas de opressão, submissão, poder, conquistas, marginalização, preconceito, reconhecimento nacional e identitário, críticas sociais e políticas, comportamento da sociedade e discriminação étnico racial, são temáticas abordadas na referida crítica. Para isso, há um apoio de outras teorias, a exemplo da Crítica Feminista, da Crítica Sociológica e da Crítica Cultural, que contribuem, significativamente, para os estudos pós-colonialistas.

Concernente a este estudo, observamos que a obra *Mormaço*, de Elizeu Braga, demonstra aspectos descolonizadores, porquanto há no livro críticas sociais e políticas, do mesmo modo que trata assuntos de pertencimento, identidade, gênero, orientação sexual, meio ambiente, valorização cultural e desconstrução da estética tradicional de estruturação de poemas. Tal consideração se dá em virtude de o modo empreendido pelo poeta em suas composições, por meio do qual ocorre a desmistificação das inverdades promovidas pelo colonialismo, o evidenciamento das opressões aos sujeitos subalternizados e as representações de levante do sujeito marginalizado frente aos modos déspotas da sociedade dominante.

Salientamos que o uso do discurso regional, ou melhor, o emprego da linguagem dos ribeirinhos amazônicos empreendida pelo escritor na obra investigada configura-se, também, como um traço descolonial, haja vista que, ao fazer isso, o poeta expressa a valorização da linguagem e do lugar ao qual pertence. Logo, ele exerce uma ruptura à linguagem dominante, isto é, a cessação ao uso da língua do colonizador e da linguagem culta. Assim, consideramos esses pontos como uma maneira de reconhecimento e insurreição do sujeito marginalizado frente à hegemonia colonizadora, tanto no que diz respeito à sociedade, quanto no que se refere à Literatura.

Nesse contexto, este trabalho nasceu de uma inquietação gerada pela falta de visibilidade de uma literatura local que fizesse jus ao espaço amazônico, reconhecendo os seus sujeitos sociais, sem deixar de destacar as contradições oriundas da hegemonia social. A obra *Mormaço* de Elizeu Braga, de caráter pós-colonialista, vem ao encontro dessa necessidade, de modo que precisa ser explorada academicamente para que tenha também o reconhecimento como aquele alcançado pelas obras do cânone literário. De tal forma que a Literatura Brasileira de Expressão Amazônica seja mais conhecida e valorizada pelas pessoas que constituem a sua gênese histórica, alimentando assim outra consciência social.

Como forma de melhor expor tais resultados, este trabalho está estruturado, além desta, em mais cinco partes, seguidas pelas referências. Na primeira delas, apresentamos uma síntese da Crítica Pós-colonial, na qual abordamos suas origens, conceitos e investigações. Na segunda, explanamos sobre como se desenvolveu a literatura na região amazônica. Na terceira parte, trazemos um estudo acerca de Elizeu Braga, sobre o qual mostramos sua biografia e obras publicadas até então. Na quarta parte, discorreremos uma análise, sob a óptica da Teoria Pós-colonial, dos poemas “*Mormaço*”, “*Tenho tribo*” e “*Parente*”. Enfim, na quinta e última parte, apresentamos as nossas considerações finais, seguidas pelas referências bibliográficas.

I – A CRÍTICA PÓS-COLONIAL E A LITERATURA

Os indivíduos que pensam ou falam fora dos parâmetros do discurso dominante são definidos como loucos ou reduzidos ao emudecimento.

(Thomas Bonnici, 2019, p. 253)

As teorias que tematizam sobre raça, cultura, gênero e espírito nacionalista entraram em voga a partir do final da década de 1960, no período pós II Guerra Mundial. Os Estudos Pós-coloniais ou Crítica Pós-colonial, a Crítica Cultural ou Estudos Culturais e a Crítica Feminista se configuraram em meios de investigações que ganharam espaço na comunidade acadêmica, especialmente devido ao grande número de publicações que confrontam, desmentem e elucidam a opressão e o ostracismo aos grupos marginalizados pela classe hegemônica, a exemplo dos nativos, negros e mulheres. Dessa forma, buscamos neste capítulo demonstrar uma observação acerca da Crítica Pós-colonial, haja vista que ela se constitui na teoria central empreendida nas análises desta dissertação.

No que se refere à Crítica Pós-colonial, Thomas Bonnici (2009, p. 23) discorre que ela analisa, empregando aspectos e princípios próprios ou somado a outras teorias, a “práxis social, política, econômica e cultural objetivando a resposta e a resistência ao colonialismo”, em outras palavras, tal teoria esmiuça e escancara as diversas formas de injustiças direcionadas aos povos ditos inferiores.

É relevante mencionarmos que para os Estudos Pós-coloniais, o termo *colonialismo* não se refere apenas ao período das grandes navegações, conquistas e ocupações territoriais empreendidas nos séculos passados pelos europeus, mas também a toda forma de imposição praticada pelo corpo social dominante aos perifericalizados.

Nesse sentido, Aimé Césaire em sua obra *Discurso sobre o colonialismo* (1978, p. 24-25) menciona que o colonialismo é composto por brutalidade, crueldade, sadismo, imitação e formação de sujeitos humanos subalternos, pois “a dominação e a submissão” transformam o indivíduo colonizado em instrumento de produção. Por isso, as nações conquistadas lograram em segregação e declínio de suas riquezas culturais e linguísticas, já que o imperativo se tornou do colonizador.

Assim, pode-se dizer que descolonizar e libertar uma nação, uma sociedade, é

algo violento e que necessita da participação constante dos indivíduos hilotas (FANON, 1965). O processo de ruptura colonial pode ocorrer de diversas maneiras, a exemplo do reconhecimento identitário, os revides na literatura, o resgate cultural e linguístico e na busca por direitos igualitários.

Segundo Bonnici (2019, p. 253), os Estudos Pós-coloniais, ou Teoria Pós-colonial, configuram-se como uma nova estética pelo qual os textos são interpretados, tendo como foco de apreciação evidenciar questões de alteridade e inferioridade. Para o autor, esse pensamento tem estreita relação entre o discurso e o poder, isto é, entre o sujeito e o objeto ou colonizador e colonizado; porquanto, ele analisa e expõe as maneiras de dominação e submissão que há entre os sujeitos humanos, entre os quais figuram os casos étnico-raciais, culturais, nacionais, econômicos, sociais e sexuais.

A Teoria Pós-colonial começou a ganhar espaço a partir do final da década de 1960 e início de 1970, período em que as nações colonizadas, principalmente as africanas, caribenhas e asiáticas, começaram um levante político e social em intento de suas independências. Essas sublevações nacionalistas transcenderam a área da política e ingressaram, também, no campo literário e linguístico; com isso, “as literaturas dos povos independentes estariam livres das manipulações coloniais que as degradaram” (BONNICI, 2012, p. 17), bem como as marginalizaram e as inferiorizaram, uma vez que o belo e o perfeito eram apenas as publicações eurocêntricas e imperialistas.

Consideramos que, além dos movimentos identitários e nacionalistas, os Estudos Pós-coloniais se desenvolveram, enquanto teoria, a partir da publicação da obra *Orientalismo*, de Edward Said, em 1978. Nela, Said investigou as maneiras como o oriente foi influenciado politicamente, culturalmente, economicamente e socialmente pelo ocidente, demonstrando as formas opressoras de dominação e imposição feita pelas nações ocidentais (BONNICI, 2009, p. 21). Com a disseminação de tal escrito, os Estudos Pós-coloniais ficaram cada vez mais em evidência no campo científico, adentrando nas academias e desenvolvendo pesquisas que envolviam a temática da colonização.

Os Estudos Pós-coloniais se propagaram, inclusive, com o auxílio do advento dos Estudos Culturais e identitários promovidos, especialmente, pelos pensadores Raymond Williams (1921-1988), Terry Eagleton (1943-), Homi Bhabha (1949-) e Stuart Hall (1932-2014). As postulações apresentadas por esses especialistas contribuíram como sustento para mostrar como os sujeitos humanos são conformados ou

manipulados por forças culturais e em que medidas ou de que maneiras somos capazes de empregá-las para outros propósitos, além de expressar as variadas maneiras pelas quais a identidade do homem se forma (CULLER, 1999).

Bhabha, por exemplo, em seu escrito *O local da cultura* (1998), traz uma perspectiva pós-colonial a partir de uma concepção de cultura fronteiriça, ou melhor, de hibridismo. Para o autor, “o hibridismo é o signo da produtividade do poder colonial, suas forças e fixação deslizantes; é o nome da reversão estratégica do processo de dominação” (BHABHA, 1998, p. 162). Isto é, o hibridismo se caracteriza como o distanciamento e transvio do sujeito discriminado (marginalizado) em direção ao objeto aterrorizante (colonizador), sendo, dessa maneira, “uma problemática de representação e de individualização colonial que reverte os efeitos da recusa colonialista” (BHABHA, 1998, p. 165).

Percebamos, à face do exposto, que a relação entre os Estudos Culturais e o Estudos Pós-coloniais é próxima, dado que, ao estudar a cultura, também se estuda a história, as condutas, o comportamento humano e as relações de dominação e submissão dos sujeitos na sociedade. Segundo Alisson Souza (2019), essa aproximação entre os Estudos Culturais e pós-colonialismo:

[...] acontece por ser o segundo uma linha de estudo resultante do surgimento do primeiro [...], os Estudos Culturais possibilitaram uma articulação interdisciplinar entre Literatura, cultura e poder. O pós-colonialismo, portanto, nasce a partir da visibilidade das condições expressas no discurso do domínio colonial, investigando a relação entre as instituições, o poder e os discursos, tendo sempre em vista a configuração dessas sociedades. (SOUZA, 2019, p. 23).

Como uma vertente dos Estudos Culturais, a Teoria Pós-colonial cingiu-se de orientações para ajudar sistematicamente em suas pesquisas e análises, viabilizando abordagens para compreender o imperialismo e suas dimensões, a exemplo das temáticas de identificação do sujeito, isto é, do reconhecimento de si enquanto pessoa portadora de direitos e afirmada pelos membros do grupo ao qual pertence, como também as relativas à valorização histórica, social e cultural de um povo. Bonnici (2012) pondera que:

Desde a sua sistematização nos anos 1970, a crítica pós-colonial se preocupou com a preservação e documentação da literatura produzida pelos povos degradados como ‘selvagens’, ‘primitivos’ e ‘incultos’ pelo imperialismo; com a recuperação das fontes alternativas da força

nacional de povos colonizados; com o reconhecimento das distorções produzidas pelo imperialismo e mantidas pelo sistema capitalista atual. (BONNICI, 2012, p. 21).

Essa resguarda e proteção de documentos torna-se um jeito de exaltar e prestigiar as produções periféricas, combatendo assim os preconceitos e discriminação que a sociedade hegemônica possui em relação às minorias prevaleceu, e em certos casos ainda prevalece, no corpo social.

Historicamente, as visões dos nativos pelos colonizadores enraizaram-se por muitos anos. O ser acultural, selvagem, bestial, desprovido de saber, entre tantos outros estereótipos diminutivos, inseriram os povos originários ao segregamento, à alienação e ao ostracismo.

Os discursos de superioridade dos europeus foram evoluindo e, conseqüentemente, o poder a eles foi estabelecido, o que os fez introduzirem suas culturas e línguas, por consequência, subjulgando as das nações conquistadas. Michael Foucault (1996) menciona que o discurso, ou a linguagem, configura-se como algo central na relação de poder social e nas práxis sociais, porquanto quem domina a linguagem exerce no outro uma hegemonia, um controle, logo, um poder.

Em razão disso, a dominação efetivou-se no novo mundo a fazer com que os subalternos fossem oprimidos, legitimando, assim, o imperialismo e o expansionismo da civilização europeia, julgada como culta, civilizada, superior e proprietária do saber (BONNICI, 2019, p. 255).

Por conta das imposições que lhes foram impostas, as produções literárias e a linguagem empreendida na localidade tinham como parâmetros as produções dos colonizadores e o que fugisse desses padrões eram depreciados pela crítica dominante, dado que “a língua europeia, estudada em seu padrão culto, não admitia concorrências e, portanto, rejeitava as ‘distorções não canônicas’ oriundas da periferia e da margem” (BONNICI, 2012, p. 21).

A partir dos questionamentos sobre a utilização da língua do colonizador, iniciou-se uma resistência aos pressupostos e idioma europeu, por consequência, houve uma escalada e o desenvolvimento das literaturas pós-coloniais. Segundo Bonnici (2012, p. 22-23), o afloramento de textos pós-coloniais dependem de dois fatores determinantes, a saber: i) as etapas de conscientização nacional; e ii) a asserção de serem diferentes da literatura do centro imperial. No que concerne à primeira condição, ela é composta por três momentos, que são:

- i) abrange textos literários escritos por representantes do poder colonizador;
- ii) compreende os textos literários escritos sob supervisão imperial por nativos que receberam sua educação na metrópole e que se sentiam gratificados em poder escrever na língua do europeu; e
- iii) abarca uma quantidade significativa de escritos que rompem com os padrões proveniente da metrópole.

Durante o processo de ascensão das Teorias Pós-coloniais, notou-se o apreço que a população nativa passou a ter pelas obras escritas pelos autores nacionais. A princípio, a literatura pós-colonial ridicularizava, por meio de paródias e reescritas, os grandes clássicos da literatura eurocêntrica, os chamados cânones¹ literários.

Posteriormente, os textos pós-coloniais encetaram a prestigiar, notabilizar, enriquecer e enaltecer os povos, a cultura, a língua e a nação ao qual pertenciam. Por conseguinte, elas ganharam seu espaço na sociedade, permitindo, com isso, a propagação dos textos e o crescimento exponencial de autores pós-colonialistas.

Bonnici (2012) apresenta as estratégias empregadas nos escritos pós-coloniais. Conforme o autor, “a estética literária do pós-colonialismo tem oferecido ao crítico literário e ao estudante da literatura parâmetros coesos para analisar os textos literários de escritores da metrópole e das ex-colônias” (BONNICI, 2012, p. 47), bem como dos autores marginalizados.

A primeira estratégia pós-colonial apresentada pelo teórico é a Reescrita. Tal método se constitui no processo de apropriação de um texto produzido pela hegemonia ou centro e, em seguida, uma transcrição dele em que se demonstra aspectos de opressão, subalternidade entre outras representações marginalizadoras que a sociedade dominante impõe às minorias. Em outras palavras,

A reescrita é uma estratégia em que o autor se apropria de um texto da metrópole, geralmente canônico, problematiza a fábula, os personagens ou sua estrutura e cria um novo texto que funciona como resposta pós-colonial à ideologia contida no primeiro texto. (BONNICI, 2012, p. 47).

Essa tática tornou-se essencial para o desenvolvimento de textos pós-coloniais,

¹ De acordo com Bonnici (2011, p. 105), “tradicionalmente o termo ‘cânone’ refere-se a uma seleta lista de obras literárias consideradas ‘grandes’, ‘valiosas’, ‘universais’ e ‘duráveis’ e, conseqüentemente, merecedoras de prestígio acadêmico permanente”.

uma vez que a reescrita se fez práxis discursiva pós-colonial por meio do qual manifesta-se novos textos que subvertem, desfrutando as brechas, silêncios, alegorias, ironias e metáforas, as bases literárias, os valores e os pressupostos históricos empreendidos no escrito original (BONNICI, 2005).

Como forma de exemplificação desse tipo de obra, pode-se verificar no livro *Foe* (1986), do escritor sul-africano John Maxwell Coetzee (J. M. Coetzee). Nessa obra, ele resgata as lacunas deixadas pelo silêncio da mulher e a falsa alegria do encontro entre o nativo com o europeu encontrados na obra original de Daniel Defoe, *Robinson Crusóé* (1719). Em *Foe*, Coetzee traz Susan, uma mulher, como protagonista da história e o nativo Friday, um escravo surdo que teve sua língua cortada. Assim, o autor resgata a voz feminina e mostra a opressão inferida aos nativos em razão das conquistas e invasões de suas terras pelos europeus (BONNICI, 2012).

A segunda estratégia pós-colonialista proposta por Bonnici se refere à releitura. Nela, não há uma reescrita da obra em investigação, mas uma “leitura desconstrutivista aplicada a textos escritos, na maioria das vezes, pelos colonizadores” (BONNICI, 2012, p. 49). Em outras palavras, a releitura:

É uma maneira de ler os textos literários para revelar suas implicações no processo colonial. Descobrem-se no texto não apenas os paradigmas estéticos, mas também, e especialmente, sua origem na realidade social e cultural. (BONNICI, 2005, p. 49).

Como forma de demonstrar os aspectos do colonialismo nos escritos literários, o crítico ou leitor pós-colonialista busca, a partir dessa finalidade, apresentar: i) as contradições presentes no texto que perturbam as conjecturas hegemônicas acerca da sociedade, justiça, sensibilidade e civilização; e ii) as táticas, as concepções e os processos colonizadores empreendidos pelo imperialismo às nações invadidas (BONNICI, 2012).

Um exemplo de uma obra relida sob a perspectiva pós-colonialista é *Mansfield Park* (1814), de Jane Austen. Nesse livro, há a revelação de como a burguesia britânica foi desenvolvida a partir da colonização, da escravidão e conquistas na região do Caribe (BONNICI, 2012); logo, mostram-se as formas opressoras e dominadoras que o colonialismo tenta esconder.

Através das estratégias de reescrita e releituras, somado ao deslocamento do cânone literário, há um envolvimento dos modos da descolonização, isto é, mostram-

se o “desmascaramento e demolição do poder colonial em todos os seus aspectos” (BONNICI, 2019, p. 266-267). Para Bhabha (1998),

O poder da tradução pós-colonial da modernidade reside em sua estrutura *performativa, deformadora*, que não apenas reavalia os conteúdos de uma tradição cultural ou transpõe valores ‘trans-culturalmente’. A herança cultural da escravidão ou do colonialismo é posta *diante* da modernidade *não* para resolver suas diferenças histórias em uma nova totalidade, nem para renunciar a suas tradições. É para introduzir um outro locus de inscrição e intervenção, um outro lugar de enunciação híbrido. (BHABHA, 1998, p. 333-334).

Em face do exposto, entendemos que os Estudos Pós-coloniais são importantes para o desenvolvimento da literatura, já que, por intermédio deles, torna-se possível escancarar o ostracismo e degradação cultural e tantos outros meios que o imperialismo, o poder colonizador, o eurocentrismo impôs às nações conquistadas. Destacamos que, quando mencionamos colonialismo e colonizador, agregamos também ao sentido deles, casos que envolvem qualquer modo de opressão e marginalização aos diferentes sujeitos humanos.

Portanto, a Crítica Pós-colonial vai além dos estudos que envolvem o período das grandes conquistas, mas trabalha, ainda, questões atuais da sociedade, como a discriminação étnico-racial, o preconceito contra as pessoas portadoras de necessidades especiais, a intolerância em questões de orientações sexuais, bem como a colonização acerca do gênero, isto é, ao modo como a sociedade patriarcal trata as mulheres.

Para Bonnici (2019), as mulheres são duplamente colonizadas, uma vez que são oprimidas pelo corpo social dominante e pelo seio familiar (pais, irmãos, cônjuges etc). Assim, essa crítica é de relevância para os estudos literários e para a sociedade.

Dito isso, apresentamos no próximo capítulo, um estudo sobre a Literatura de Expressão Amazônica, ao qual trataremos o advento dessa vertente literária nacional do período que se estende da colonização até a atualidade.

II – A LITERATURA NA AMAZÔNIA: BREVE PERCURSO HISTÓRICO

Na sociedade amazônica, é pelos sentidos atentos à natureza magnífica e exuberante que o homem se afirma no mundo objetivo e é por meio deles que aprofunda o conhecimento de si mesmo.

(João de Jesus Paes Loureiro, 2014, p. 39)

A Literatura faz presença na sociedade humana desde o surgimento dos modos de escrita. As histórias antes transmitidas oralmente entre os humanos passaram a ser empreendidas, também, por meio de representações, imagens e, posteriormente, de escritas.

Segundo Terry Eagleton (2006), por intermédio da literatura, podemos conhecer a história de um povo em determinado momento histórico. Nessa lógica, objetivamos neste capítulo, apresentar um estudo sobre o desenvolvimento da Literatura Brasileira de Expressão Amazônica, em que mostraremos um recorte literário que abrange desde período colonial até a contemporaneidade.

Águida Almeida (2015) menciona que o *Brasil Colônia* compreendeu o intervalo de 1530 a 1822, sendo que este período começou quando o governo português enviou ao Brasil a primeira expedição colonizadora chefiada por Martim Afonso de Souza (1500-1564). Assim, no ano de 1532, Martim de Souza fundou o primeiro núcleo de povoamento, a Vila de São Vicente, no litoral do atual estado de São Paulo.

Após alguns anos de instalação e organização do povoamento, foi criado pela Coroa portuguesa o sistema de Governo Geral no ano de 1548, com o objetivo de organizar a administração colonial. Fundamentalmente três grandes grupos étnicos, o indígena, o negro africano e o branco europeu, principalmente o português, entraram na formação da sociedade colonial brasileira.

A compreensão da formação econômica do Brasil, a partir das leituras dos pesquisadores Caio Prado Júnior (1907-1990), Nelson Werneck Sodré (1911-1999), Antônio Barros de Castro (1938-2011) dentre outros, não deixa d vida de como a forma o social e econômica deste país continental chamado Brasil permanece como forte elemento condicionante da sua trajetória. Como   bem sabido pelos historiadores brasileiros, a forma o do Brasil, como de grande parte dos estados hoje existentes, deve-se   dinâmica eurocêntrica nos marcos da lógica da acumula o capitalista que precedeu em séculos   revolu o industrial (SILVA, 2001).

De acordo com Joaquim Silva (2001), no geral, podemos considerar três períodos sociais no Brasil colonial: i) o período pré-colonial: a fase do pau-brasil (1500 a 1530); ii) a fase do açúcar (séculos XVI e XVII); e iii) o ciclo do ouro: século XVIII. Durante a evolução política e econômica do Brasil, diversos artistas, analistas e poetas descreveram essas transformações em textos poéticos.

Numa perspectiva historiográfica, a poesia do Brasil começa no século XVI, o primeiro século da colonização, com a chegada dos padres da Companhia de Jesus ou, mais exatamente, com José de Anchieta (1534-1597), que foi um jovem jesuíta das Canárias, evangelizador e mestre, que, segundo a tradição, escreveu 4072 versos latinos à Virgem nas areias da praia de Iperoig, atual Ubatuba, em São Paulo, com seu bastão (SILVA, 2001).

É importante destacarmos que o primeiro momento de uma literatura feita no Brasil ou na Europa sobre a nova terra descoberta são relatos sobre o gentio, a fauna, a flora, a natureza e suas riquezas. Há nessa literatura uma constante preocupação em se estabelecerem relações de comparação entre o que é daqui e seu equivalente na Europa. Percebe-se que a intenção era atrair investimentos colonizadores para a nova terra.

As características da literatura brasileira no período colonial são reportadas em diferentes fases, como: Quinhentismo, Seiscentismo ou Barroco e o Setecentismo ou Arcadismo. O Quinhentismo é registrado no decorrer do século XVI, e essa é a denominação genérica de um conjunto de textos que destacavam o Brasil como terra nova a ser conquistada.

Nesse período as características das produções eram de uma Literatura Jesuítica ou de Catequese, tendo como seu principal representante o Padre José de Anchieta, com seus autos, cartas, hinos, poemas e sermões (BOTELHO, 2011) escritos com o objetivo principal de catequizar os indígenas brasileiros.

Ato seguinte vem o Barroco, que é o período que se estende entre 1601 e 1768, onde tem início com a publicação do poema *Prosopopeia* (1601), de Bento Teixeira (1561-1618) e termina com a fundação da Arcádia Ultramarina², em Vila Rica, Minas

² A Arcádia Ultramarina “[...] trata-se de uma sociedade literária fundada na cidade de Vila Rica (MG), influenciada pela Arcádia Italiana (fundada em 1690) e cujos membros adotavam pseudônimo, isto é, nomes artísticos, de pastores cantados na poesia grega ou latina. Por isso que alguns dos principais nomes do Arcadismo brasileiro publicavam suas obras com nomes inspirados na mitologia grega e romana” (SÓ LEITURA, 2007-2023, documento on-line). Disponível em: <https://www.soliterat.ura.com.br/arcadismo/>. Acesso em: 1 mar. 2023.

Gerais. Nesse período, o qual foi marcado

[...] pelos conflitos e contradições espirituais, o que acabou, conseqüentemente, influenciando na literatura. As obras do período são marcadas pela angústia, melancolia e oposição entre o mundo material e o espiritual, emulando o confronto interno dos indivíduos divididos entre os mundos Medieval (teocêntrico) e Moderno (Antropocêntrico). (MOTTA, s.d., documento on-line).

Por fim, o Arcadismo é o período que se estende entre 1768 a 1808 e cujos autores estão intimamente ligados ao movimento da Inconfidência, em Minas Gerais. No Brasil, esse movimento tem início com a publicação de *Obras Poéticas* (1768), de Cláudio Manuel da Costa (1729-1789). Além dele, merece destaque o poeta Tomás Antônio Gonzaga (1744-1810), com sua obra *Marília de Dirceu*, publicada em 1792 (ALBUQUERQUE; BUECKE, 2020).

É também nessa época que os textos são marcados pelas figuras de linguagem como antíteses, hipérboles e metáforas, como nos textos do poeta Barroco Gregório de Matos (1636-1696):

Nasce o Sol e não dura mais que um dia,
Depois da Luz se segue a noite escura,
Em tristes sombras morre a formosura,
Em contínuas tristezas e alegria.
Porém, se acaba o Sol, por que nascia?
Se é tão formosa a Luz, por que não dura?
Como a beleza assim se transfigura?
Como o gosto da pena assim se fia?
Mas no Sol, e na Luz falta a firmeza,
Na formosura não se dê constância,
E na alegria sintam-se a tristeza,
Começa o mundo enfim pela ignorância,
E tem qualquer dos bens por natureza.
A firmeza somente na inconstância

(MATOS, [s.d.], documento on-line).

Mas ao contrário dos primeiros escritos de poetas portugueses que destacavam as belezas naturais do Brasil, com intuito de atrair investimento para colônia, muitos dos versos de Gregório de Matos são considerados ácidos, satíricos e refletem uma postura crítica à administração colonial, excessivamente localista e burocrática, à fidalguia brasileira, ao clero moralista e corrupto e a quem mais compusesse a degradada sociedade colonial, o que lhe rendeu o apelido de *Boca do Inferno*. Matos em harmonia com o seu meio, produzia conforme o seu temperamento artístico, e

exprimiam-se, sempre, livre e espontaneamente, na língua do seu tempo e da sua terra (MACHADO, 2017).

Em suma, elencamos que a expressão literária dos poetas brasileiros no período colonial obteve forte influência acadêmica de clássicos da Literatura Universal como Quinto Horácio Flaco (65 a.C.-8 a.C.), Públio Ovídio Naso (43 a.C.-17/18 d.C.), Marco Túlio Cícero (106 a.C.-43 a.C.) e Públio Virgílio Maro (70 a.C.-19 a.C), bem como de poetas portugueses e espanhóis, tais como Luis de Góngora y Argote (1561-1627) e Francisco de Quevedo (1580-1645).

É notório também que as origens da literatura brasileira suscitam por parte dos estudiosos algumas reflexões, por vezes idealizadas, no âmbito estético e histórico. Joseni Pasqualini (2012) menciona que:

A vertente histórica da literatura procura discuti-la em termos de formação da sociedade brasileira, da cronologia, de diferenças, de possibilidades, de independência e de autonomia em relação à Colônia. A estética, por sua vez, preocupa-se com questões que envolvem estilos, características temáticas e formas usadas para expressar a realidade humana, social e local. (PASQUALINI, 2012, p. 37).

Entretanto, as produções literárias brasileiras e nos demais países do globo não surgiram ao acaso, mas a partir de influências de pesquisas, de trabalho; logo, os compositores e escritores do Brasil sofreram influências de literatos de outras localidades, formando, dessa forma, “uma constelação de intelectuais” (LIMA, 2016, p. 74).

Dito isso, apresentamos, na seção a seguir, uma sucinta explanação sobre o advento literário na Amazônia brasileira.

2.1 O desenvolvimento literário na Amazônia

Durante a *descoberta* do Brasil, em 1500, pelos europeus, a região amazônica era habitada por seis grandes tribos: Guarani, Tupi, Karib, Nuruak, Tukano, Jê e Pano. Os nativos falavam mais de 70 idiomas e estavam distribuídos em diversas regiões do país. Segundo Souza (2019), havia no Brasil uma população de aproximadamente 350.000 nativos, contudo grande parte foi dizimada pelos europeus durante o processo de colonização.

Com o passar do tempo, já no século XIX, a Amazônia estava composta

principalmente por indivíduos miscigenados (índios, brancos e negros), os quais deixaram de concentrar seus esforços na coleta de produtos naturais e na agricultura para viver em função do grande ciclo econômico da borracha.

Esse ciclo enriqueceu os barões de Belém e Manaus e promoveu o desenvolvimento arquitetônico e cultural dessas duas principais cidades amazônicas. Após a crise do ciclo da borracha, a Amazônia entrou em um período de estagnação e, assim, até a primeira metade do século XX, a região passou a ser esquecida estrategicamente pelo governo brasileiro (IMAZON, 2015).

Em muitas narrativas literárias, existem uma limitação da Amazônia unicamente a partir de uma figura de essencialidade, como nas imagens dos indígenas ou dos seringueiros, por exemplo, e o equívoco se encontra uma vez que a construção desses atores sociais se vislumbra na relação com ou outro. Com o contrastante, com o diferente e não de forma isolada.

Por outro lado, considerando o cânone historiográfico, há raríssimos dados sobre a história da literatura da Amazônia brasileira. Essa perspectiva deve-se em parte pelo imaginário construído a respeito da região amazônica: terra sem história, região selvagem, território indígena, paraíso tropical, lócus exótico e El Dorado (SILVA, 2008).

Além disso, conforme Rafael Leandro (2011), a diversidade cultural, os autores menores, a restrição geográfica da literatura nacional, o esquecimento historiográfico, a hegemonia cultural, os anticanônes literários, nacionalidade literária brasileira parcial, o mito da produção tardia, que esconde a escassez de pesquisas sobre alguns centros produtores de literatura, a colônia como extensão da metrópole, a falta de integração entre os sistemas literários nacionais, esses e outros aspectos ajudam a analisar devidamente o problema ou reescrever a história literária da Amazônia, que não deve ser uma obra perdida no tempo, sem atualização, apenas como fonte de consulta, mas textos que narram e valorizam a cultura nacional.

Entre os séculos XVI e XVII, surgem as primeiras narrativas sobre a Amazônia brasileira. Em sua maioria, esses textos pertencem ao gênero da literatura de viagem. Por seu valor histórico e cultural, as crônicas e os relatos desse período são considerados como fundadores da literatura de expressão amazônica (NEVES, 2011).

Neide Gondim, em seu texto *A invenção da Amazônia* (1994), define a breve crônica *Descobrimento do Rio das Amazonas* (1637), do jesuíta Alonso de Rojas (1588-1653), como um exemplo de escrito desse período. A autora destaca na obra

de Rojas três aspectos que marcaram os textos coloniais amazônicos, a saber: as observações político-estratégicas, a herança bíblica na descrição da natureza e a herança medieval de busca do paraíso terrestre.

No decurso do século XVIII, ganhou força a Literatura Brasileira de Expressão Amazônica de caráter histórico, geográfico e etnográfico. De acordo com Antônio Porro (2006), entre os séculos XVII e XVIII, a Amazônia foi alvo da dialética humanismo e razão, sendo que as obras produzidas nesse período foram divididas em duas fases.

A primeira seria representada por autores, em sua maioria religiosos, tais como: João Daniel (1722-1776), Anselmo Eckart (1721-1809), Samuel Fritz (1654-1725). A segunda, em pleno período do Diretório³ (1755-1798), constituía-se majoritariamente por funcionários administrativos, magistrados e militares, entre os quais figuram José Monteiro de Noronha (1723-1794) e Manuel da Gama Lobo d'Almada (1745-1799).

No alvorecer do século XIX, a expedição naturalista de Alexander Von Humboldt (1769-1859) explora a Amazônia. Seu relato de viagem influenciou outros relatos sobre o universo amazônico. Humboldt ao lado de Walter Raleigh (1584-1554), Charles Marie de La Condamine (1701-1774), Pe. João Daniel, Alexandre Rodrigues Ferreira (1756-1815), representam os precursores dos naturalistas viajantes que, no transcurso do século XIX, atravessaram e registraram suas pesquisas e impressões amazônicas.

De acordo com Aguinal Figueiredo (2011), as dificuldades econômicas até meados de 1850 impediram o desenvolvimento da ficção amazônica. Todavia, podemos destacar o aparecimento de três ficcionistas de relevância, são eles: Lourenço da Silva Araújo e Amazonas (1803-1864), na linha temperamental; o indianismo de Francisco Gomes de Amorim (1827- 1891), assim como o de Gonçalves Dias (1823-1864); e Herculano Marcos Inglês de Sousa (1853-1918), como naturalista.

³ O período do Diretório refere-se a uma época da Revolução Francesa em que houve “a supressão dos direitos sociais igualitários instituídos no período jacobino, como o direito a voto a todos os cidadãos e o fim de algumas leis: a que estipulava os preços máximos para os alimentos, a que regulamentava a distribuição de terras confiscadas da nobreza e do clero entre a população pobre, bem como a que permitia a organização de operários em sindicatos [...] O período do Diretório representou o estabelecimento pela burguesia francesa de uma República moderada, que acabava com as instituições do Antigo Regime” (ESCOLA KIDS, [s.d.], documento on-line). Disponível em: [https://escolakids.uol.com.br/historia//revolucao-francesa-diretorio-1794-1799.htm#:~:text=Conhe%C3%A7a%20as%20caracter%C3%ADsticas%20da%20fase%20do%20Diret%C3%B3rio%20\(1794%2D1799\).&text=Com%20a%20queda%20do%20governo,ocorreu%20entre%201794%20e%201799.](https://escolakids.uol.com.br/historia//revolucao-francesa-diretorio-1794-1799.htm#:~:text=Conhe%C3%A7a%20as%20caracter%C3%ADsticas%20da%20fase%20do%20Diret%C3%B3rio%20(1794%2D1799).&text=Com%20a%20queda%20do%20governo,ocorreu%20entre%201794%20e%201799.) Acesso em: 4 mar. 2023.

Percebamos que até meados do final século XVII as produções ambientadas na Amazônia tinham aspectos de relatos dos viajantes acerca do lugar. A partir da metade do século XIX, a literatura amazônica começa a se multiplicar, primeiramente, em razão do aumento populacional da região, em especial, em Manaus, Belém e Porto Velho, que ganharam destaque internacional em razão dos ciclos da borracha.

Já em relação ao século XX e XXI, as literaturas amazônicas expandiram-se significativamente. Desta vez, não como relatos de viagens, mas como textos que enaltecem e descrevem a região, a exemplo dos autores Dalcídio Jurandir, Benedicto Monteiro, Márcio Souza (1946-), Max Martins (1926-2009), Jurandyr Bezerra (1928-2013), João de Jesus Paes Loureiro (1939-) e Antônio Cândido da Silva (1941-). É relevante mencionarmos que nessa época houve um aumento expressivo dos habitantes da região, impulsionado pelo agronegócio, pecuária, garimpo, exploração mineral e vegetal, além da abertura da Zona Franca de Manaus⁴, estradas e rodovias, exploração de gás natural e construções de represas e hidroelétricas.

Todas essas promoções para o desenvolvimento da região tornaram-se, também, frutos para criação dos escritos de Literatura Brasileira de Expressão Amazônica, pois muitas obras retratam como ocorreu esse crescimento demográfico, a colonização, a apropriação do território por migrantes e a miscigenação cultural, linguística e social. Logo, as obras amazônicas procuram construir uma relação entre a ficção, o universal, o real e o local, descrevendo cenários e paisagens nos escritos com destreza, pois a paisagem é memória (FERNANDES, 2004).

Posto isso, apresentamos, no capítulo a seguir, uma investigação acerca do escritor rondoniense Elizeu Braga, autor de Literatura Brasileira de Expressão Amazônica, no qual abordaremos sua biografia e as inspirações que ele teve para escrever seus textos.

⁴ Criada através da Lei nº 3.173/1957 e regulamentada por meio do Decreto-Lei nº 288/1967, a “Zona Franca de Manaus é uma área de livre comércio de importação e exportação e de incentivos fiscais especiais, estabelecida com a finalidade de criar no interior da Amazônia um centro industrial, comercial e agropecuário dotado de condições econômicas que permitam seu desenvolvimento, em face dos fatores locais e da grande distância, a que se encontram, os centros consumidores de seus produtos” (BRASIL, 1967, documento on-line). Atualmente a Zona Franca de Manaus abrange os estados do Amapá, Roraima, Rondônia, Amazonas e Acre, sendo administrada pela Superintendência da Zona Franca de Manaus (SUFRAMA).

III – ELIZEU BRAGA: UM ESCRITOR DE LITERATURA BRASILEIRA DE EXPRESSÃO AMAZÔNICA

O texto constitui a realidade imediata para que se possa estudar o homem social e a sua linguagem, já que sua constituição bem como sua linguagem é mediada pelo texto; é através do texto que o homem exprime suas ideias e sentimentos.

(Urbano Cavalcante Filho e Vânia Torga, 2011, n.p.)

Neste capítulo, apresentamos um estudo sobre o escritor Elizeu Braga, no qual explanaremos uma sucinta investigação biográfica do autor. Todavia, antes de entrarmos nesse mérito, trataremos acerca da Literatura de Expressão Amazônica, uma vez que as obras de Braga têm aspectos que a insere nessa vertente literária nacional, a exemplo da ambientação da região.

Quando observamos os escritos publicados em território amazônico, certos estudiosos das Letras se perguntam: essa publicação é Literatura Brasileira ou Literatura Amazônica? Embora determinados teóricos discorram que toda produção literária produzida em solo amazônico é tida como Literatura Amazônica, nós temos que discordar de tal argumento, porquanto, mesmo sendo publicada em uma região peculiar do país, tal obra é fruto nacional, logo, pertence a Literatura Brasileira. Essa observação se justifica pelo seguinte fato de que a Amazônia faz parte do Brasil, conseqüentemente, suas produções também compreendem a literatura nacional.

Márcio Souza (2014) declara, em seu texto *Literatura na Amazônia, ou Literatura Amazônica?*, que a terminologia *literatura amazônica* torna-se uma rotulagem geográfica e ideológica que tenta contrapor com os escritos sulistas. Portanto, conforme o autor, não devemos levar em consideração tal nomenclatura, posto que as produções amazônicas são apenas uma vertente da literatura nacional. Em face disso, podemos considerar as obras amazônicas como textos literários de Literatura Brasileira de Expressão Amazônica, pois elas, em sua maioria, retratam as vivências e ambientes da região.

Segundo Jorge Silva (2020), o texto de expressão amazônica é “[...] considerado como aquele que não somente faz alusão a essa região tão singular, mas também, [...] a obras que aludem ao modo de vida, às crenças, aos costumes, à cultura e ao discurso dos habitantes desse espaço” (SILVA, 2020, p. 56). Na Amazônia, o

relacionamento homem e natureza fica em evidência, pois um influencia o outro, seja em relação à vegetação, seja pelas cheias e vazantes dos rios. João Loureiro (2014) menciona que:

O homem amazônico ribeirinho vai tornando-a [a Amazônia] encantada e admirável. Com naturalidade, imprime sua marca determinante na paisagem, configurando-a mais bela ainda e distinta do mundo físico cotidiano. Ultrapassando o patamar do sensível dos sentidos, o homem constrói suas paisagens, modelando, cenzinando a realidade no seu devaneio, geografando seus sonhos. Sonhador da paisagem, para usar ainda uma expressão de labor bachelardiano, tem nessa paisagem um pressuposto de sua vida e a condição ambiental da cultura. (LOUREIRO, 2014, p. 40).

O modo empregado nos textos da região, em que o autor constrói uma descrição do ambiente por meio de suas percepções do lugar, seja ela tida de forma individual ou coletiva, *in loco* ou a distância (vídeos, narrativas etc.), é empregada pelo escritor em suas publicações, visando demonstrar uma realidade desse espaço através da ficção. A verossimilhança entre o real e o ficcional são aspectos marcantes nos escritos amazônicos, podendo ser observado nos textos em prosa e em versos impressos no referido território.

Um exemplo de tal tipo de escrito é verificado nas obras do literato paraense Benedicto Monteiro (1924-2008). Nelas, em especial em sua tetralogia amazônica⁵, Monteiro afirma a identidade e vivências do caboclo ribeirinho amazônico, por intermédio da personagem principal Miguel dos Santos Prazeres, no estado do Pará, tal como observado no excerto do primeiro livro da saga monteiriana *Verde vagomundo* (1974):

Andava nas matas horas e horas. Conhecia pau por pau. Não havia igapó mais intricado, chavascal mais escondido, restinga mais virgem, onde eu não fosse buscar a minha capivara ou a embiara que os matos sempre guardavam pra mim. Falava com as árvores como velhas conhecidas, depois explicava por pai: foi pai, naquele apuizeiro grande lá da restinga do Catauarí – o apuizeiro, aquele grande – na entrada do igapó da lagoinha. (MONTEIRO, 1974, p. 87).

A constante relação homem-natureza marca não apenas os textos, mas exorta o imaginário do leitor sobre a localidade. Isso se dá em virtude do detalhamento do

⁵ A tetralogia amazônica ou saga monteiriana escrita por Benedicto Monteiro é composta por quatro obras que narram a vida do caboclo ribeirinho Miguel dos Santos Prazeres, são elas: *Verde vagomundo* (1972), *O minossauro* (1975), *A terceira Margem* (1983) e *Aquele um* (1985) (SILVA, 2020, p. 60).

ambiente, somado às descrições dos discursos, das línguas, do imaginário, das culturas, das lendas, dos mitos, das histórias e do caldeamento dos habitantes do lugar exteriorizados com maestria pelos autores de Literatura Brasileira de Expressão Amazônica. Segundo Ana Pizarro (2012),

A Amazônia [...] revela formas de miscigenação cultural que não têm comparação no continente [Sul-americano], assim como uma infinita diversidade de formas de vida humana e relações com a natureza, que nos permite imaginar polos de referência na visualização de um mundo no qual se possa recolocar o homem numa relação de equilíbrio com ela, no centro da ação humana. (PIZARRO, 2012, p. 20).

Percebemos nas palavras da autora que a Amazônia é uma região plural, com peculiaridades e mistérios que demandam uma relação equilibrada entre homem e natureza. As cheias e vazantes dos rios, por exemplo, promovem nos habitantes ribeirinhos uma necessidade de adaptação em seus lares (algumas casas são residências flutuantes que acompanham a elevação das águas) e modos de vida. Dalcídio Jurandir (1909-1979), em sua obra *Chove nos campos de cachoeira* (1991), reproduz tal experiência, como evidenciado no excerto a seguir:

Corria pelos campos atrás de muruci, de pegar passarinho, apanhando pixuna e empurrando montaria a vara no tempo da enchente na vila de baixo. Sob a chuva pegava os pintos de sua mãe com um paneiro, enxotava o porco da cozinha, tomava banho. Na beira do rio lava o saco de café ou abria a barriga de peixe, cantando. (JURANDIR, 1991, p. 92-93).

As representações amazônicas são o grande centro das obras publicadas por autores locais, o que gera uma valorização do lugar, ao passo que potencializa o crescimento de escritores da região, enriquece a literatura nacional, amadurece os escritos da localidade e favorece o avanço de estudos e pesquisas científicas das produções amazônicas, ou melhor, da Literatura Brasileira de Expressão Amazônica.

A produção literária em solo amazônico expandiu-se exponencialmente a partir do final do século XIX e início do XX. Autores paraenses, amazonenses, acreanos, amapaenses, roraimenses, tocantinenses e rondonienses cresceram à medida que a região se desenvolvia politicamente, socialmente, economicamente, culturalmente e demograficamente. No que tange às composições feitas no território de Rondônia, os escritores emergiram com a construção da Estrada de Ferro Madeira-Mamoré (EFMM).

Os relatos da epopeica implantação de uma ferrovia em plena selva amazônica serviram de tema sugestivo para produção literária à época, do mesmo jeito que ainda influência nos escritos atuais. O desbravamento da selva, os conflitos com indígenas, as doenças, os mitos, as lendas e o ambiente selvagem figuraram nos textos feitos, principalmente, por exploradores, cientistas, imigrantes, retirantes entre outras tantas pessoas que vieram morar na região. Somam-se a esse público produtor de Literatura no estado de Rondônia, os moradores locais, nativos e seus descendentes.

As obras literárias publicadas até a década de 1940, no então Território Federal do Guaporé, em sua maioria, tinham as características de descrever o novo território, sendo basicamente feita em folhetins e jornais da época e representadas por historiadores, poetas e cronistas (PINTO, 2016). Nesse período, podemos destacar os poetas Vespasiano Ramos (1884-1916), considerado precursor da literatura rondoniense, Alkindar Brasil de Arouca (1902-1962), reconhecido como o *Poeta das Cigarras*, e Ary Tupinambá Penna Pinheiro (1910-1993), um dos patronos da Academia de Letras de Rondônia (ACLER).

Na tese de doutorado de Auxiliadora dos Santos Pinto, intitulada *A inter-relação entre a Literatura e a História no processo de formação do estado de Rondônia: vozes e marcas identitárias dos sujeitos amazônicos na produção literária de Porto Velho e Guajará-Mirim/RO* (2016), podemos considerar que a produção literária em solo rondoniense se desenvolveu em três momentos, são eles: i) período da EFMM: que abrange desde a colonização até a implantação do Território Federal do Guaporé; ii) período dos Territórios: estende-se desde a fundação do Território Federal do Guaporé até a instituição do estado de Rondônia; e período contemporâneo: que começa desde o estabelecimento do estado de Rondônia até os dias atuais.

Em todos esses momentos, a Literatura nesse ente federativo brasileiro cresceu em números de leitores, admiradores e escritores. As obras regionais tornaram-se frutos de pesquisas acadêmicas, tanto no sentido de valorização dessa literatura, quanto no de resgatar os textos antes marginalizados ou perdidos no percurso do tempo. Até os dias atuais, o estado de Rondônia ganhou inúmeros autores, ao qual destacamos: Antônio Cândido da Silva (1941-), escritor de *Diaruí* (2010), Kurt Falkernburger (1923-[----]), autor de *As botas do Diabo* (1979) e Matias Alves Mendes (1949-), literato conhecido como o *Poeta do Guaporé*.

Dito isso, explanamos, na seção a seguir, um estudo acerca do escritor rondoniense Elizeu Braga, sobre o qual apresentaremos sua biografia e principais

obras literárias produzidas.

3.1 Elizeu Braga: o poeta beradeiro

Nascido em 1985 na comunidade ribeirinha do Tacoã, às margens do Rio Madeira, em Rondônia. Elizeu Braga é representado como um típico escritor regionalista, haja vista que, em suas obras, a valorização da região em que pertence é descrita com o toque de sentimentalismo e enaltecimento, seja em relação ao ambiente, seja no que se refere aos habitantes e aos discursos do lugar.

Conforme Maycon Douglas Pereira de Moura (2022, p. 6), poderíamos dizer que Braga “nasceu ‘na beira’ do rio, para retomarmos uma expressão cotidiana dos sujeitos ‘beradeiros’, que vivem ao redor do Rio Madeira”, por conta disso, Elizeu Braga recebeu a alcunha de *escritor beradeiro*.

No presente, o autor reside na cidade de Porto Velho, capital do estado de Rondônia, lugar onde atua como artista performático,

[...] *performer*, contador de histórias, ator da Beradera Companhia de Teatro e ativista cultural da Casa Arigóca, importante espaço cultural da cidade de Porto Velho, que desde 2013 promove lançamentos de livros, saraus, rodas de conversas, oficinas, dentre outras atividades. (BRAGA, 2019, documento on-line).

Observamos que Braga possui uma intensa relação com a cultura, a arte e a linguagem rondoniense. Em uma entrevista⁶ concedida aos pesquisadores Vitor Cei (UFES) e Erlândia Ribeiro (UNIR) em 2016, Braga menciona que seu interesse pela arte e escrita literária ocorreu em razão das suas vivências enquanto criança na localidade em que nasceu. Conforme o autor, o universo das histórias fantásticas que seus familiares contavam e os versos recitados pelos mais velhos no final do dia, às margens do rio Madeira, proporcionava-lhe admiração e inspiração.

Sobre isso, Érika Muniz (2020, documento on-line) menciona que diariamente o *escritor beradeiro* escutava histórias e cantigas há muitas gerações, desde quando ele ainda morava nas comunidades ribeirinhas de Iracuã e Cujubim, tendo como uma

⁶ A entrevista concedida em 2016 aos pesquisadores Vitor Cei e Erlândia Ribeiro, pelo escritor Elizeu Braga, foi realizada como atividade do projeto *Notícias da atual literatura brasileira: entrevistas*, coordenado pelo Prof. Dr. Vitor Cei, tendo como meta mapear a produção literária brasileira do início do século XXI (CALIBAN, 2019, documento on-line). Disponível em: <https://revistacaliban.net/afor%C3%A7a-imaterial-de-elizeu-braga-poeta-e-performer-beradeiro-33330465eb91>. Acesso em: 9 mar. 2023.

das histórias mais marcantes, contadas por sua avó materna, dona Raimunda, “a de uma criança que nasceu e já sabia falar com poucos dias de vida”. Tal narrativa relatada por sua avó se referia à origem da Lua, nela, uma criança:

[...] além de falar, com algumas noites também caminhava e poderia se transformar em muitas coisas. No entanto, acabou acreditando que sabia de tudo e adentrou a floresta sem respeitá-la. Só que os espíritos da mata se uniram e separaram sua cabeça do corpo. Um pouco desesperada, a cabeça resolveu voltar à aldeia dos Kaxinawás, povo indígena do Norte, mas ninguém queria mais conversar com ela [...]. A mãe a pegou no colo e disse que se ela quisesse ficar por ali, teria que se transformar em algo que ainda não existe. Precisou, então, se afastar para pensar. ‘Pensou, pensou, pensou’ e chegou à conclusão de que não existia nem arco-íris, nem lua. Pegou sete fios coloridos e os atirou em direção ao céu. Por esse caminho, a cabeça subiu, mas antes de desaparecer na imensidão, disse: ‘Quem me vir lá de cima e não me reconhecer, será castigado’. Assim nos contou a sua versão para a origem da lua. (MUNIZ, 2020, documento on-line).

Por meio de narrativas semelhantes a essa e mediante às suas experiências de vida quando chega ao perímetro urbano da capital rondoniense, Elizeu Braga produz suas criações artísticas e culturais, como peças de teatro e poemas. Tais vivências, que lhe serviram como base para suas produções, se estendem desde quando o autor começou a morar com sua tia-avó Joana, pessoa que lhe incentivou e o fez criar gosto pela leitura. Braga trouxe para arte até os momentos ruins em que sofreu discriminação e preconceito por alguns moradores locais em razão de seu sotaque e origem ribeirinha (MUNIZ, 2020, documento on-line).

À custa dessa intolerância que sofreu, Braga aperfeiçoou ainda mais suas composições literárias, teatrais e de contações de histórias. De acordo com Muniz (2020), a partir dos anos 2000, as produções ribeirinhas ganharam reconhecimento e respeito na sociedade, ganhando adeptos e simpatizantes. Fruto desse desenvolvimento artístico literário, em 2013, junto com outros artistas do estado de Rondônia, Elizeu Braga funda o espaço cultural Arigóca como meio de proporcionar ainda mais progresso no que tange às criações rondonienses (MUNIZ, 2020, documento on-line).

Pela qualidade de seu repertório, em que há um enaltecimento e compromisso pela região a que pertence, o *escritor beradeiro* está a ser reconhecido pela comunidade literária, artística e acadêmica brasileira, mormente, a amazônica. Seus textos, que possuem e mostram seu estilo literário regional, estão servindo como

objetos de pesquisas para dissertações de mestrado, artigos e demais outros textos científicos, a exemplo dos estudos: *A performance poético-política na obra o Mormaço de Elizeu Braga* (2022), de Maycon Douglas Pereira de Moura; *A representação do espaço urbano na poética de Elizeu Braga: imagens de Porto Velho a partir da obra Mormaço* (2022), de Janete da Silva Lagos; e *A catequese poética de Elizeu Braga: poemas de descolonização nas vozes que ecoam das margens amazônias* (2022), de Ane Caroline Rodrigues dos Santos Fonseca, Cristiane Joelma Denny e Miguel Nenevé.

Até o momento, Elizeu Braga publicou duas obras, *Cantigas* (2015) e *Mormaço* (2016), ambas lançadas de forma independente. Nelas, o poeta traz um “olhar particular sobre a vida ribeirinha, os impactos de grandes obras e ciclos migratórios que atravessam a cidade e tantas vidas, a partir de sua própria vivência, da memória familiar e memória coletiva dos povos das beiras por onde anda” (RONDONIAOVIVO, 2022, documento on-line). Concernente a isso, Souza (2019) disserta que:

[...] a sensibilidade inteligente projeta a autonomia, e por consequência, um desvio dos constantes encontros com estereótipos relacionados à antiga ideia de literatura como uma cultura erudita. Existem [...] literaturas diversas, assim como existem diferentes tipos de histórias. Nenhuma, porém, deve causar sensação de **pertencimento maior** do que aquelas ligadas às geografias e à realidade da vida, do espaço e do efeito da sociedade. (SOUZA, 2019, p. 30, negrito nosso).

Nesse quadro, verificamos que Elizeu Braga se configura como um profissional que estimula e vivifica as composições locais, trazendo em suas produções as dificuldades de adaptações que os sujeitos humanos rurais enfrentam ao chegar às zonas urbanas, entre as quais estão a discriminação e intolerância por conta das diferenças linguísticas, culturais e econômicas. Além disso, o autor versa, em certos poemas, o conteúdo sobre a marginalização e implicância que as pessoas sofrem no tocante à questão de suas orientações sexuais.

Por levantar tais temas, as obras de Braga são classificadas como pertencentes ao campo descolonizador, pois há nelas a exposição de indignação, marginalização e resgate à voz das minorias, aspectos característicos desse tipo de texto. Em face disso, passaremos a abordar, na seção a seguir, uma exegese acerca do texto *Mormaço*, escrita pelo autor e objeto de pesquisa desta dissertação.

IV – AS COMPOSIÇÕES DESCOLONIZADORAS DE ELIZEU BRAGA

Libertação nacional, renascimento nacional, restituição da nação ao povo [...] quaisquer que sejam as rúbricas utilizadas ou as novas fórmulas introduzidas, a descolonização é sempre um fenómeno violento.

(Frantz Fanon, 1965, n.p.)

O uso dos textos para empreender críticas à sociedade e valorizar o espaço regional são aspectos presentes na Literatura há muitos anos. Autores como Euclides da Cunha (1866-1909), Daniel Munduruku (1964-), Castro Alves (1847-1871), Machado de Assis (1839-1908) e Paulo Saldanha (1946-) são exemplos de literatos que abordam em suas produções assuntos que envolvem posições raciais, identitárias, sociais, ecológicas e políticas.

No que tange a Elizeu Braga, o autor rondoniense destaca em seus poemas críticas aos variados modos de vida da sociedade, do mesmo jeito que tematiza tópicos regionais, sobretudo, no que corresponde à Amazônia, às suas experiências de vida e ao estado de Rondônia. Destarte, “o poeta, ao mesmo tempo que cria uma linguagem, constrói uma forma de entendimento da própria poesia por ele pensada” (MOURA, 2022, p. 34), concedendo ao leitor diferentes formas de interpretação.

Nesse viés, objetivamos neste capítulo apresentar um estudo, sustentado nos pressupostos da Crítica Pós-colonial, dos poemas “Tenho Tribo”, “Mormaço” e “Parente”, composições que integram *Mormaço*, segundo livro publicado pelo poeta. Porém, antes de entrarmos na matéria, desenvolveremos uma breve apresentação dos livros escritos pelo autor até o momento.

Como mencionado na seção anterior, o *escritor beradeiro* publicou dois livros: *Cantigas*, em 2015, e *Mormaço*, em 2016. No primeiro, composto por vinte e três poemas, o poeta aborda e levanta questionamentos em diversos segmentos, tal como o político, o ambiental e o social. Esse traço pode ser observado no poema “O preço da água”, décima quarta composição presente no referido manuscrito.

O preço da água

Era uma vez
Outra vez
Os olhares e os números do mundo
Se voltaram pra Amazônia

E me parece que não ter promoção
Quando a água for disputada na privatização

Era uma vez
Outra vez

Já tem um tempo que o mundo
Aponta sua mira para os rios da Amazônia

E dessa vez não tem conversa de promoção
O litro d'água vai quase um milhão
E não tem prece que negocie a situação
Quando a água for disputada na privatização.

(BRAGA, 2015, p. 26).

No poema percebemos que o sujeito da poesia utiliza uma linguagem regional para apresentar a temática central da composição, de modo que perpassasse ao leitor a ideia e o questionamento que o poeta aborda. Ainda há em “O preço da água” uma estética de desformação, ou melhor, de desformatação da poesia, porquanto o autor emprega técnicas que fogem dos estilos tradicionais, a exemplo da não utilização de sinais de pontuação.

Com esse discurso poético, o sujeito da poesia apresenta nessa poesia uma crítica sobre a questão da visão estrangeira no que concerne à região Amazônica, com destaque nos recursos hídricos da localidade. Os olhares do mundo para a maior bacia hidrográfica do planeta, uma das maiores riquezas que a nação brasileira possui e que deve, a todo modo, ser valorizada e protegida por todos nós brasileiros, em especial, nós amazônidas, porquanto, a soberania nacional do território amazônico não pode ser concedida a grupos estrangeiros.

Destacamos que, ao discutir o tema da água, aqui agregamos também a região pantaneira e demais biomas encontrados no país, pois além de termos a superior hidrografia de água doce do planeta, também possuímos, junto com Argentina, Uruguai e Paraguai, uma das maiores reservas subterrâneas de água doce mundial, o Aquífero Guarani.

Já no que se refere ao segundo manuscrito, *Mormaço*, Braga apresenta nele vinte e dois poemas, sendo que o primeiro esclarece o significado do termo *mormaço*, nome que intitula a aludida obra. Semelhante às composições contempladas em *Cantigas*, a essência regionalista do autor também se faz presente em *Mormaço*. Todavia, com mais intensidade em suas críticas e percepções da sociedade, do

comportamento humano, da intolerância e da marginalização. Além dos destaques em suas histórias de vida e do ambiente amazônico. No poema abaixo, intitulado “Na barragem”, podemos notar o pensamento que o escritor expressa sobre as construções das barragens no rio Madeira.

na barragem esbarra
 a nossa consciência
 na barragem esbarra
 a natureza da gente
 um peixe esbarra na barragem
 a água que atravessa tem de ser suficiente
 pra gerar o lucro necessário
 e o medo que vem pela frente

(BRAGA, 2016, p. 19).

O sujeito da poesia faz uma crítica ao capitalismo que avançou sobre o meio ambiente, com justificativas de, a partir do potencial energético da bacia do rio Madeira, conceder progresso e (re)valorização da região de Rondônia perante à comunidade nacional e internacional. As construções das hidrelétricas de Jirau e Santo Antônio trouxeram recursos financeiros e tecnológico ao Estado, contudo, houve consequências significativas à região, a exemplo do aumento expressivo da população, desmatamento da floresta, alagamentos e inundações se tornaram frutos que acompanharam a construção dessas infraestruturas na Amazônia Sul Ocidental Rondoniense.

As opiniões do autor sobre tais assuntos, abordados com uso de uma linguagem regionalista e espontânea, são aspectos que compõem o que os teóricos das ciências da linguagem e das artes chamam de arte popular, a exemplo de Nestor García Cancline (1980) e Joseph Maria Luyten (1983). De acordo com Moura (2022, p. 43), a “arte popular é uma expressão que advém de consequências de uma realidade extrema. Em seu maior valor está a representação e a satisfação solidária de um querer de muitos, pois é tida como um tipo de libertação”.

Tais concepções podem ser observadas nos escritos de Braga, haja vista que suas composições são formas que o poeta utilizou para expressar, por meio da palavra, a indignação de muitos sujeitos que são silenciados pela sociedade hegemônica. O emprego de poesias marginais, que não se delimitam a estruturas poéticas tradicionais, uma linguagem culta ou estilo único, fazem com que sua “voz” alcance lugares que antes eram apenas de um público seletivo, do mesmo jeito que

possibilita que esse tipo poético tenha mais disseminação entre os críticos e leitores.

Para Moura (2022, p. 46), as estruturas poéticas que envolvem as poesias marginais exigem maneiras diferentes de difusão e divulgação, como “o apelo visual através dos recursos permitidos, além de serem curtas, os pequenos textos transmitiam uma linguagem coloquial [regional] e espontânea”. No que concerne às obras do *escritor beradeiro*, elas tiveram seu processo de confecção e editoração de maneira independente, com participação coletiva, feitas artesanalmente, com detalhes em papelão e xilogravuras. Posto isso, consideramos que os livros de Braga são pertencentes à poesia marginal e à arte popular.

É interessante mencionarmos que a poética de Braga assemelha-se ao estilo musical do *Hip-hop*, dado que suas composições demonstram:

[...] um meio de interpretação da representação do mundo via linguagem, tecida por sujeitos discursivos a partir dos signos ideológicos que compõem a linguagem humana e simula as relações sócio-culturais [sic] de uma dada comunidade. (SILVA; PAULA, s.d., n.p.).

Tal característica poética do autor possui influências próprias, uma vez que Braga é um artista plural, ou seja, atua em diferentes setores; todavia, todos relacionados às áreas da linguagem e das artes, a exemplo dos seus trabalhos como ator de teatro, *performancer* e escritor. Diante disso, em suas composições, “encontram-se palavra e som a fim de comunicar mensagens de fundo social, pelos quais se delineiam os mecanismos de exclusão operante sob as mais diversas máscaras, nos mais diversos tempos e espaços” (SALGADO, 2015, p. 151), que a sociedade dominante busca esconder.

Por fim, salientamos que, com o seu toque regionalista, as críticas que o *escritor beradeiro* usa em suas composições mostram o quanto a Literatura possui um papel social para divulgar temas relevantes à sociedade em geral, visto que, através dela, pode-se tirar o leitor de sua zona de conforto, questionando-o, perturbando-o, instigando-o a pensar e obrigando-lhe a observar e ter outros pontos de vista sobre determinado assunto. Assim, as posições que estão postas nas obras vão além do exercício da leitura, mas compreendem ainda todas as formas de expressão, princípios e fundamentos que os escritos literários podem proporcionar à interpretação feita pelo leitor.

Dito isso, apresentamos, no tópico a seguir, uma análise de alguns poemas que

compõem o livro *Mormaço*. Tais apreciações foram praticadas a partir de uma leitura crítico-analítica da linguagem e baseada nas concepções dos Estudos Pós-coloniais, em que se busca evidenciar traços de opressão, discriminação, preconceito, poder, identidade, pertencimento, entre outros atributos que integram os objetos de investigação dessa teoria.

4.1 A descolonização na obra *Mormaço*

Os textos literários são meios que possibilitam a transmissão e abordagens de assuntos que envolvem o corpo social, as culturas, as histórias, as evoluções linguísticas de uma comunidade ou nação, entre tantos outros temas que a Literatura nos permite identificar, explicar, apreciar, criticar, evidenciar e promover, haja vista que ela está “vitalmente relacionada com as situações existenciais do homem, [...] apresenta a vida em toda a sua rica variedade [...] e o gosto de se estar vivo” (EAGLETON, 2006, p. 296).

O fazer poético de Elizeu Braga abarca tais aspectos, isto é, a Literatura produzida pelo poeta nos mostra rompimentos com a estética tradicional. Fato evidenciado nas composições que integram *Mormaço*. A estética, melhor, a arrumação, a estruturação e a construção dos textos escritos que compõem a referida obra, unicamente, em letras minúsculas (até as de entrada de estrofes e nomes próprios), a privação de pontuações e o negrito na(s) primeira(s) palavra(s) do verso que inicia a primeira estrofe ser(em) o título do poema trazem essa percepção de fuga da mesmice e dos padrões clássicos de textos poéticos.

Tal aspecto mostra o caráter da desformatação da poesia, ou seja, a fuga dos moldes convencionais na estruturação poética, atributo que concede às composições de Braga uma certa particularidade na declamação. Sobre isso, Muniz (2020) discorre que:

Na busca por entender sua forma de declamar, destaque nos diversos eventos de literatura que participa pelo Brasil, Elizeu percebeu que, no Norte do país, os cantos indígenas perpassam a maneira como o poema chega à voz. Diferente de outras regiões do Brasil, como o Nordeste, cujos traços do trovadorismo prevalecem nas declamações. Portanto, são as evocações xamânicas e dos curandeiros que lhe servem de influências. ‘O canto, para mim, vem muito de acessar esse lugar do invisível’. (MUNIZ, 2020, documento on-line).

A autonomia que a Literatura oportuniza ao escritor é perceptível nos poemas de Braga, uma vez que a liberdade de escrita, de elaboração, de criação, de enfoque, de pensamento entre tantas outras naturezas empreendidas pelo literato concederam às suas obras uma personalidade que instiga a curiosidade e o senso crítico do leitor. Isso se dá em virtude que a linguagem literária:

Abunda em ambiguidades; como qualquer outra linguagem histórica, está cheia de homônimos e de categorias arbitrárias ou irracionais como o gênero gramatical; é permeada de acidentes históricos, por recordações e por associações. (WELLEK; WARREN, 1962, p. 28).

Com isso, o texto literário promove diversos tipos de conhecimento e interações entre: o leitor e a obra; o leitor e o espaço; a realidade e a ficção; o leitor e o tempo; e o leitor e o autor. Logo, conforme Linda Hutcheon (1991), ele permite ter uma visão descentralizada e multimodal que há no mundo, seja em relação ao real, seja no que tange ao ficcional, posto que o modo por que a Literatura reveste os variados assuntos e abordagens nos escritos concede uma existência de múltiplos óbices possíveis, bem como imprime uma existência atemporal dos manuscritos.

A Literatura, sendo assim, tornou-se uma forma “superior de conhecimento e uma forma também de ação ética e social” (WELLEK; WARREN, 2003, p. 327). Com base nisso, percebemos que Braga emprega em suas composições atributos que rompem os aspectos consuetudinários, já a começar pela estética utilizada na organização e escrita dos poemas, como a não aplicação de pontuação e a ortografia culta deixada de lado. Ao empreender isso, o literato faz uso de maneiras transparentes do discurso como jeito de “pôr em evidência o modo particular de utilização da linguagem na literatura” (WELLEK; WARREN, 1962, p. 28).

A ruptura com o conservador e rotineiro configura-se como o primeiro elemento descolonizador na obra *Mormaço*, porquanto a fuga dos padrões hegemônicos são atos que proporcionam um levante crítico e social, do mesmo modo que mostra uma recusa às categorias normativas e às exigências da utilização da língua culta (ou dominante) na escrita literária (BONNICI, 1998). Segundo Miguel Nenevé e Sônia Maria Gomes Sampaio (2016), o texto pós-colonial possui esse estereótipo de enfatizar as contradições ao habitual e normal, similarmente às controvérsias sociais e políticas que o colonialismo tenta fixar no corpo social.

Por conseguinte, a linguagem literária não se limita apenas aos preceitos

normativos referenciais, pois elas possuem um “lado expressivo, comunica o tom e a atitude do orador [leitor] ou do escritor” (WELLEK; WARREN, 1962, p. 28-29), a transpassar ideias e preceitos por meio das palavras. A partir dessa explanação e para apresentar outros traços descoloniais em *Mormaço*, mostramos, abaixo, o poema “Mormaço”, primeiro escrito que compõe essa obra de Braga.

- [1] **mormaço** na flor na pele
- [2] no suor dos olhos o corre
- [3] daquela senhora que anda
- [4] pra cima e pra baixo
- [5] com aquele menino escanchado no ombro
- [6] com a cara aberta num sorriso
- [7] mormaço na fila dobrando a esquina da caixa econômica
- [8] o olhar que se perde numa lembrança de não sei o que
- [9] aqui pro rumo do norte é bem forte o troço
- [10] dizem que somos terceiro mundo mal educados
- [11] mal falados esquentados criadores de caso e sem memória
- [12] dizem que a cidade é de todos
- [13] só pra gente acreditar que ela é de ninguém
- [14] mormaço no pneu da bike enconstando no asfalto quente
- [15] mormaço naquele tempo fora do ar do escritório
- [16] pra pegar a marmitta e um suco de graviola
- [17] mormaço no rosto do pedreiro velho
- [18] que conhece a cidade como as marcas da mãos
- [19] mormaço no suor escorrendo evaporado
- [20] um horizonte quente subindo do chão
- [21] quem escuta a voz da cidade
- [22] quem ainda acredita nas lendas dos deuses colonizadores
- [23] quem se senta pra escutar os contadores do desenvolvimento
- [24] demolidores que confundem lucro com sustento
- [25] eles que vivem aqui que nem moram aqui
- [26] ficam de longe porque não aguentam o nosso mormaço
- [27] tomando vinho as nossas custas olha já
- [28] escuta aqui ta me ouvindo
- [29] esse corpo aguenta e cachaça
- [30] minha coragem não fica de ressaca
- [31] esse calor me leva pra água
- [32] meus olhos enxergam o rio
- [33] os ouvidos escutam os pássaros
- [34] sou bem daqui onde minha memória costura
- [35] como essa gente acolhedora e cheia de esperança
- [36] que quando precisa sabe enfrentar o sol

(BRAGA, 2016, p. 7. Numeração nossa).

Quando observamos essa poesia do *escritor beradeiro*, notamos que a palavra “mormaço”, termo que intitula tanto o poema quanto o livro do autor, refere-se, de imediato, no inconsciente do leitor, à ideia de tempo úmido, abafado e de temperatura elevada, a exemplo dos versos [14] “mormaço no pneu da bike enconstando no asfalto

quente”, [19] “mormaço no suor escorrendo evaporado”, [20] “um horizonte quente subindo do chão” e [31] “esse calor me leva pra água”. Todavia, além de possuir esse conceito, o vocábulo se relaciona, denota e dá sentido à pessoa que é incômoda, importuna, chata e desagradável (DICIO, [s.d.], documento on-line).

Dessa maneira, tais aspectos mostram a dualidade de sentido que o sujeito da poesia quer transmitir, chamando a atenção do leitor para desvelar que o texto é uma crítica, uma transmissão de ideia que busca inquietá-lo e motivá-lo a ter questionamentos, discernimento e senso crítico sobre o tema tratado no manuscrito.

Esse jogo de sentido promovido pelas palavras exhibe um dos aspectos mais tradicionais nas literaturas pós-coloniais, a ab-rogação⁷, isto é, a recusa ao emprego denotativo dos significados dos termos (BONNICI, 2012). Além disso, “o pós-colonial alude também a uma postura de certa forma subversiva” (NENEVÉ; SAMPAIO, 2016, p. 14) em relação aos moldes canônicos, já que há a necessidade de termos uma sociedade mais igualitária em que todas as vozes possam ser ouvidas.

Nos versos “dizem que somos terceiro mundo mal educados / mal falados esquentados criadores de caso e sem memória” [10] e [11], o sujeito da poesia discorre sobre a intolerância, preconceito e discriminação que os habitantes nortenhos sofrem em relação aos sulistas. Tal aspecto nos remete às concepções colonizadoras acerca das percepções e olhares que os colonizadores tinham dos povos nativos, entre os quais destacavam-se o de seres aculturais e bestiais.

Por causa dessas visões, somado ao interesse pela conquista e apropriação das riquezas, os colonizadores subjugaram, perseguiram e escravizaram os povos originários, pois eles conseguiram “não somente criar um espaço para si como também tomar o do habitante, outorgando-se espantosos privilégios em detrimento [dos residentes locais]” (MEMMI, 2007, p. 42).

Os versos [21] “quem escuta a voz da cidade”, [22] “quem ainda acredita nas lendas dos deuses colonizadores”, [23] “quem se senta pra escutar os contadores do desenvolvimento” e [24] “demolidores que confundem lucro com sustento” de “Mormaço”, o sujeito da poesia mostra as indagações do colonizado frente ao colonizador.

⁷ “A ab-rogação é a recusa das categorias da cultura imperial, de sua estética, de seu padrão normativo e de uso correto, bem como de sua exigência de fixar o significado das palavras” (BONNICI, 2012, p. 27-28).

O processo de questionamentos são um dos primeiros passos para o movimento de descolonização, porque, por meio deles, iniciam-se os reconhecimentos identitários, as problemáticas de pertencimentos, do mesmo modo que se começa a representar as condições de como os sujeitos subalternos são tratados, relegados e inferiorizados pelo colonizador.

Na trova [21], “quem escuta a voz da cidade”, o sujeito da poesia levanta a questão do silenciamento das minorias, posto que o silenciamento desse público é algo constante na sociedade. A metrópole (ou centro) são os locais de prestígio, onde quem domina a linguagem possui o poder, logo, os sujeitos que as compõem são tratados com estima, ao passo que os das margens (ou periféricos) são jogados ao ostracismo.

Nesse sentido, Gayatri Spivak, em sua obra *Pode o subalterno falar?* (2010), menciona que os oprimidos podem e carecem falar por si mesmos, de modo que para fazerem isso devem aproveitar qualquer oportunidade que lhes apareça, como a produção de textos que endossem inteiramente a insistência em seres livres, sustentado em um vigor determinante e no desejo de terem uma autonomia plena das forças opressoras.

É por intermédio dessa visão que, no verso [28] “escuta aqui tá me ouvindo”, o sujeito da poesia empreende seu momento de voz, mostrando que ele também é um sujeito digno e pleno de ser escutado, respeitado e portador de direitos, tal qual os demais indivíduos que estão à mercê do corpo social, ou melhor, as minorias também possuem voz e carecem de serem ouvidas, respeitadas e admiradas.

Braga, ao empreender isso em seu texto, torna por apresentar mais um aspecto pós-colonial em sua composição, já que “a literatura pós-colonial revela este desejo de recuperar a voz subalterna que oferece um contradiscurso, ou uma contranarrativa ao discurso europeu, ao eurocentrismo e etnocentrismo” (NENEVÉ; SAMPAIO, 2016, p. 17).

Alfredo Bosi (1977) discorre que no texto poético é possível utilizá-lo para falar sobre traumas, sentimentos, emoções, as sombras históricas, entre tantos outros elementos que “o discurso acha meios de trazer [...] à tona, de explorar as suas entranhas, de comunicá-la. Os meios (no caso, procedimentos) visam a compensar a perda do imediato, perda fatal no ato de falar” (BOSI, 1977, p. 24).

Por esse ângulo, o sujeito da poesia busca demonstrar suas ideologias, a brandar pelas palavras suas concepções, a tomar para si o momento de fala, a romper

com os paradigmas e dogmas sociais que o imperialismo, colonialismo, eurocentrismo, patriarcalismo, conservadorismo e androcentrismo tentam inferir nos sujeitos humanos “inferiores”. Conseqüentemente, Braga mostra um discurso com uma postura anticolonial, reverberando seu posicionamento contra todo o tipo de preconceito, de desigualdade e injustiças (NENEVÉ; SAMPAIO, 2016).

Logo, conforme Bosi (1977, p. 141), “o poeta é o doador de sentido”, pois, por meio da poesia, ele rege o texto conforme lhe aprouver, norteando o leitor a apreciá-lo e compreendê-lo no mais profundo íntimo que o sujeito da poesia (autor) pode conferir em sua produção literária. Para Hutcheon (1991),

O movimento no sentido de repensar as margens e as fronteiras é nitidamente um afastamento em relação à centralização juntamente com seus conceitos associados de origem, unidade [...] e monumentalidade [...] que atuam no sentido de vincular o conceito de centro aos conceitos de eterno e universal. O local, o regional e o não-totalizante são reafirmados à medida que o centro vai se tornando uma ficção [mentira, engano] (HUTCHEON, 1991, p. 85).

Verificamos nas palavras da pensadora que a essência de pensar, resgatar e prezar pelos sujeitos marginalizados pelo centro é uma ruptura com o tradicional, pois quando há uma nascente dos oprimidos, decorre uma restauração e agnição da originalidade, melhor, da naturalidade do sujeito, bem como do local ao qual ele pertence. Além disso, vemos que, para que haja uma valorização e reconhecimento da periferia, deve existir uma quebra dos arquétipos e revelação das inverdades do centro, a exemplo das mentiras ditas para conquistarem, estabelecerem e manterem o poder na sociedade.

Tal linha de pensamento da autora vai ao encontro do que a teórica Hannah Arendt discorre em sua obra *A condição humana* (2007). Para ela, o sujeito vive em uma sociedade de privação e opressão, isto é, o indivíduo encontra-se destituído de “[...] coisas essenciais à vida verdadeiramente humana: ser privado da realidade que advém do fato de ser visto e ouvido por outros [...] e privado da possibilidade de realizar algo mais permanente que a própria vida” (ARENDT, 2007, p. 68). Por isso, faz-se essencial que o sujeito se reconheça como uma pessoa gozadora de direitos e que lute para se afirmar na sociedade, pois “o homem privado não se dá a conhecer e, portanto, é como se não existisse” (ARENDT, 2007, p. 68).

Essa segregação não somente auxilia a explicar a natureza da luta colonial, mas também sugere uma maneira de a pessoa relegada criticar os valores estéticos

e políticos atribuídos à unidade ou totalidade das culturas, em especial aquelas que tiveram longos períodos de tirania, dominação e opressão (BHABHA, 1998, p. 65). Com isso, a linguagem torna-se essencial para a transparência e desmascaramento das mentiras coloniais, assegurando, desse jeito, um “reconhecimento [...] do(s) sujeito(s)” (BHABHA, 1998, p. 67).

No que tange aos versos [31] “esse calor me leva pra água”, [32] “meus olhos enxergam o rio” e [33] “os ouvidos escutam os pássaros”, percebemos o toque regionalista que Braga expõe em sua composição. A amostragem do espaço em que o autor se originou, às margens do rio Madeira, tem-se no poema “Mormaço” seu toque de sentimentalismo, de identidade e de pertencimento ao local, ao ambiente, à região Amazônica. Tal característica torna-se verificável na trova [34], “sou bem daqui onde minha memória costura”; com isso, captamos que “o uso da poesia decorre da natureza [do autor]” (WELLEK; WARREN, 2003, p. 23).

Essa particularidade do autor em trazer em seus escritos um discurso local, representa uma maneira de apresentar a diversidade de discursos e dos grupos sociais que integram a Amazônia brasileira. Isso faz com que a região seja um local intrigante, pois além de possuir uma vasta biodiversidade, possui um imaginário, saberes, culturas e representações originárias do popular, isto é, do sujeito local, o caboclo, o ribeirinho, o nativo.

A essência regional figura-se como uma forma em que Braga não apenas demonstra seu apreço ao seu local de origem, mas compreende ainda uma forma do poeta em empreender uma interação com o leitor, fazendo-o conhecer-se e trazendo-o para compreender e entrar em seu espaço, haja vista que “cada ocupação, cada expressão ou gesto e cada tarefa são destinadas para o outro”; dessa maneira, “o homem e seu fazer representa a interação entre ele e o outro homem” (BUNOVA, 2011, p. 272).

Essa interação reflete a busca do poeta em mostrar ao leitor a natureza regionalista, descolonizadora e contemporânea que ele emprega em seus escritos, expondo também que, em meio à inferioridade das minorias, há momentos e formas de existir e transcorrer uma ruptura dos dogmas impositivos da sociedade, especialmente àqueles que diminuem e menosprezam os que fogem dos “padrões” hegemônicos.

Como forma de manifestar esse ponto de vista, analisemos o poema a seguir, denominado “tenho tribo” e pertencente ao livro *Mormaço*.

[1] **tenho tribo**
[2] ando no mato
[3] sei do meu passado
[4] não tenho ódio de mim
[5] não tenho ódio de tu
[6] porque eu sei quem sou
[7] sei quem tu é
[8] tu mesmo ai que guarda ódio de mim
[9] nem sabe porque não gosta da minha aparência
[10] acha que roubei tua terra
[11] acha que eu tenho mais direito que tu
[12] então porque tu acha que meus parentes ainda lutam
[13] e ficam por ai nas calçadas da avenia farquar
[14] vendendo artesanato pra tentar ganhar o sustento
[15] botando os curumim pra trabalhar e vender na praça
[16] quem tu acha que vivia aqui antes do farquar chegar
[17] quem tu acha que mapeou os rios
[18] pros colonizadores poderem entrar
[19] quem tua acha que teva a gentileza de ti convidar pra sentar
[20] no meio da maloca uma rede armar uma carne de caça
[21] um leite de castanha um bejú uma mandioca um caldo de peixe
[22] um tucupi um açaí bem forte
[23] quem tu acha que encheu tua boca de sabores
[24] quem tu acha que te ensinou a pescar nesses rios daqui
[25] quem tu acha que te ensinou as plantas que fazem bem
[26] as plantas que fazem mal
[27] tu já deve ter lido
[28] em algum livro decente de história
[29] que os portugueses demoraram entender a
[30] situação do que se tratava essas terras
[31] e se não fosse a gente ensinar que aqui era bonito por natureza
[32] eles não teriam enxergado o lucro em toda essa beleza
[33] ah mas o farquar é diferente trouxe o progresso
[34] estrada de ferro e os cambal
[35] então quer dizer que não tinha voz essa terra
[36] que não contavam história as mulheres e os homens
[37] muitos que por aqui moravam desde não se sabe ao certo
[38] que progresso é esse que vem com a mão do ódio
[39] o ódio pelos meus olhos pela minha crença
[40] pela minha cor pelo que sou ou que quero ser
[41] me diz quem foi gentil no começo
[42] e o ódio estava do lado de quem
[43] queriam que eu acreditasse num deus único
[44] numa língua única fazendo isso na força do laço
[45] e ainda fazem usando o direito religioso como desculpa
[46] você me trouxe doença enquanto eu te dava comida
[47] e continua até hoje me matando
[48] e eu te olho nos olhos perguntando
[49] quando teu ódio vai parar
[50] eu queria muitas coisas
[51] queria saber falar e escrever
[52] diversas línguas que já estiveram por aqui
[53] queria dizer pra ti que somos parente
[54] que mesmo que ignore tu tem muito de mim
[55] eu tenho muito de ti

[56] só quero se vier com respeito e
 [57] a consciência de saber que ainda precisam nos olhar
 [58] principalmente escutar para aceitar a diferença
 [59] e não desprezar as nossas diversidades
 [60] saber que existimos entrelaçados
 [61] colonizador e colonizado
 [62] e que o ódio vem de um tempo passado
 [63] e não acha que quero impor
 [64] quando passo pela avenida farquar
 [65] e penso que ela poderia se chamar
 [66] cassuapá mura gavião karitiana

(BRAGA, 2016, p. 10-11, numeração nossa).

Em similaridade com o poema “normaço” no tratamento de assuntos como pertencimento, identidade, espaço e críticas ao colonialismo, a composição “tenho tribo” destaca-se pelo maior emprego desses elementos, seja em razão da quantidade expressiva de versos, sessenta e seis ao todo, seja em virtude de o autor propor maiores críticas ao processo colonizador.

Isso é verificado quando o poeta exemplifica com mais detalhes as abordagens que regem os referidos temas e ao mencionar traços que direcionam o entendimento do leitor sobre o local (ambiente) ao qual o sujeito da poesia quer falar, nesse caso, o movimento de construção do estado de Rondônia e a região do município de Porto Velho, a capital rondoniense.

Ao empreender em seu texto um discurso que tenta mostrar traços históricos, sociais e identitários, Braga faz uso de uma produção com princípios que têm:

[...] o discurso como texto no tempo e no espaço, texto com sujeito autoral, texto com carne, suor e sangue, texto com história e memória. Texto nos fluxos que o presente possui, fornece e cobra. Fluxos históricos, territórios, semióticos, econômicos, políticos. Todo fluxo é um discurso que vem desde antes e continua após o texto, sendo este um gesto de inflexão – mais ou menos forte – no sentido do discurso. (ORNELLAS, 2018, p. 20-21).

Logo, as poesias produzidas pelo *escritor beradeiro* nos mostram certo grau de valorização ao regional, ao local que o poeta reside, o que se configura como fatos importantes na sua produção. Percebemos isso quando observamos os primeiros versos do poema, a saber o [1] “tenho tribo”, [2] “ando no mato”, [3] “sei do meu passado”, [4] “não tenho ódio de mim”, [5] “não tenho ódio de tu” e [6] “porque eu sei quem sou”, aspectos em que o sujeito da poesia destaca a sua origem, não possuindo

receios e nem vergonha de ser o que ele é; logo, há um reconhecimento de si mesmo e, consoante Nenevé e Sampaio (2016), de descolonizar-se.

Ao mencionar que tem ciência do seu passado e que sabe do seu Eu, existe uma evidente característica pós-colonial, melhor, descolonizadora no sujeito da poesia, porquanto há um reconhecimento de si enquanto sujeito. Nesse sentido, Edward Said (2011) pontua que o:

[...] reconhecimento é remapear e então ocupar o lugar nas formas culturais imperiais reservado para a subordinação, ocupá-lo com autoconsciência, lutando por ele no mesmíssimo território antes governado por uma consciência que supunha a subordinação de um Outro designado como inferior. (SAID, 2011, n.p.).

Em face disso, reconhecer-se é um processo de conquista, de (re)significação do sujeito, de autoconhecimento e de resgate de sua cultura e de luta mental. Portanto, a pessoa vê-se como um ser humano, alguém portador de direitos, um indivíduo que mesmo na periferia possui voz e que, independentemente do seu local de origem, é um ser capaz de alcançar seus objetivos e de enfrentar e derrubar as barreiras que a metrópole (ou centro) busca, constantemente, tentar lhe impor.

Conforme Nenevé e Sampaio (2016), uma das características mais expressivas do pós-colonialismo se configura em o sujeito ou nação terem sofrido experiências opressoras e de quererem lutar contra elas, quer seja pelo uso linguagem, quer seja pelas reivindicações de tratamento igualitário. Dessa forma, Braga empreende em seu texto “formas de resistência contra as injustiças e opressões visíveis em nossa sociedade” (NENEVÉ; SAMPAIO, 2016, p. 16), em especial, em sua região.

No que se refere ao ambiente, ao espaço e ao lugar, Bonnici (2005) menciona que:

[...] para os escritores pós-coloniais, o lugar é algo mais abrangente do que a terra [...] o lugar é a linguagem, ou seja, o discurso em desenvolvimento. O lugar é um palimpsesto [...] inscrito por várias estratificações históricas. A linguagem, a nomenclatura, o procedimento do mapa transformam o *espaço vazio* em *lugar*, o qual está intimamente ligado ao processo de identidade. (BONNICI, 2005, p. 25).

Nos versos [17] “quem tu acha que mapeou os rios”, [23] “quem tu acha que encheu tua boca de sabores”, [24] “quem tu acha que te ensinou a pescar nesses rios daqui”, [25] “quem tu acha que te ensinou as plantas que fazem bem” e [26] “as plantas

que fazem mal”, o sujeito da poesia desenvolve aspectos descoloniais ao tratar acerca do lugar a que pertence, bem como demonstra um traço em que existe questionamentos acerca de nomações, ensinamentos e cultura que o povo nativo transferiu aos colonizadores.

Esses quesitos, conforme Bonnici (2005), representam uma separação entre a dicotomia colonizador x colonizado, haja vista que os nomes concedidos aos rios, à fauna, à flora é uma tarefa de relevante importância que transformam o espaço natural em um local habitável e existente. Com isso, temos no poema de Braga, uma resistência, uma reapropriação e uma posse do lugar, de modo que se tem um desenvolvimento e exibição de meios que tornam o processo de formação da identidade do sujeito e dos demais membros da comunidade uma forma dinâmica de criar e expressar a cultura, a língua e a diversidade do povo (BONNICI, 2005).

Outro aspecto descolonizador nesse poema de Braga pode ser identificado nas trovas que se estendem da [38] a [44] “que progresso é esse que vem com a mão do ódio / o ódio pelos meus olhos pela minha crença / pela minha cor pelo que sou ou que quero ser / me diz quem foi gentil no começo / e o ódio estava do lado de quem / queriam que eu acreditasse num deus único / numa língua única fazendo isso na força do laço”. Nelas, percebemos a crítica que o sujeito da poesia faz em relação à imposição linguística, religiosa e cultural que o colonizador tentou imprimir aos colonizados, a exemplo do verso “queriam que eu acreditasse num deus único” [43].

Os costumes, as riquezas, a linguagem e as crenças dos povos originários foram afetados negativamente pelos colonizadores, a partir da introdução, ou melhor, da imposição da cultura e idioma do conquistador e colonizador. As inautenticidades ditas e forjadas pelo imperialismo subjugararam os habitantes nativos, fazendo que a dicotomia entre colonizador e colonizado, ou outro x Outro, ou sujeito x objeto, surgisse. Por conseguinte, a relação na colônia mostrou que:

Entre colonizador e colonizado, só há lugar para o trabalho forçado, a intimidação, a pressão, a polícia, o imposto, o roubo, a violação, as culturas obrigatórias, o desprezo, a desconfiança, a arrogância, a suficiência, a grosseria, as elites [sic] descerebradas, as massas aviltadas. (CÉSAIRE, 1978, p. 25).

As austeridades, as intolerâncias e as opressões praticadas contra as minorias revelam os modos devastadores que o colonialismo promove em uma nação, ou povo. Quando observamos os versos [46] “você me trouxe doença enquanto eu te dava

comida”, [47] “e continua até hoje me matando”, [49] “quando teu ódio vai pagar” e [52] “diversas línguas que já estiveram por aqui” de “tenho tribo”, notamos que existe a representação, intrinsecamente, do extermínio a muitas línguas nativas, das culturas indígenas, das doenças trazidas pelos colonizadores que acometeram milhares de nativos, o que deu auxílio para conquista territorial, e o discurso de ódio que a elite possui das pessoas marginalizadas.

No que se refere ao ódio, sentimento que contribui de forma expressiva para o preconceito racial, humano e sexual, o sujeito da poesia expõe na trova [62] (“e que o ódio vem de um tempo passado”) que essa emoção, na atualidade, é fruto dos discursos de superioridade e abominação que perpassam os séculos, isto é, o ódio, para ele, vem desde os tempos passados, a exemplo do colonizador tentar civilizar ou modernizar o nativo, supervisionando-o como uma criatura animalesca (BHABHA, 1998). Logo, não é algo particular da sociedade contemporânea, mas que transcorreu as gerações, sendo alimentada por mentiras e questões políticas, econômicas, sociais e culturais.

Isso faz com que ocorra um desmascaramento da elite, do colonizador, já que “a crueldade, a mentira, a baixeza, a corrupção contaminaram maravilhosamente a alma da burguesia [metrópole]” (CÉSAIRE, 1978, p. 31), o que fez com que gerasse uma alteração no “meio ambiente das sociedades nativas de tal modo que desapareceram os padrões [...] tradicionais” (BONNICI, 2005, p. 22).

Além do discurso de ódio, o sujeito da poesia de “tenho tribo” destaca as mentiras que os conquistadores diziam sobre a existência de moradores na região, pois, na visão deles, os nativos não eram seres humanos, mas criaturas bestiais, como os Blêmios⁸. Esse mito sobre os povos originários fez com decorresse uma marginalização, um extermínio e uma sujeição desses indivíduos, uma vez que:

[...] o objetivo do conquistador é apoderar-se da terra do indígena e tudo o que ela produz, ele controla a educação, a religião, a língua, a literatura, as formas coreográficas para modificar os valores [...] dos nativos (BONNICI, 2005, p. 39).

A região amazônica, localidade representada pelo sujeito da poesia, antes da

⁸ Conforme a mitologia, os blêmios foram seres que não possuíam cabeça, com isso, sua face ficava localizada na região do tronco (olhos na parte do tórax, nariz abaixo do tórax, boca na região do abdômen e orelhas na região lateral das costelas) (ROSA, 2021). Disponível em: <https://periodicos.ufpel.edu.br/index.php/Arte/article/view/22173/14015>. Acesso em: 13 maio 2023.

colonização, tinha cerca de 600 línguas nativas, com uma população indígena consolidada e uma vasta diversidade cultural, sendo organizadas e possuidoras de técnicas de caça, pesca, manejo sustentável do ambiente e culturas agrícolas (RODRIGUES, 2012, documento on-line). Todavia, com a colonização da região, perdeu-se grande parte das línguas e habitantes nativos, vitimados por doenças, massacres, entre outros modos de subjugação. Para Anderson Rodrigues (2012),

Muito do patrimônio cultural brasileiro foi dizimado, principalmente nas sociedades ágrafas. As línguas e os mitos, por exemplo, se acabam quando morre o último indivíduo da sociedade, pois há o fim da transmissão de geração para geração por meio da tradição oral. (RODRIGUES, 2012, documento on-line).

Como maneira de demonstrar a conquista da terra rondoniense, com pretextos de desenvolvimento e progresso econômico, viu-se a chegada dos estrangeiros para construção da considerada “Ferrovia do Diabo”, isto é, a EFMM. O sujeito da poesia alude a isso a partir dos versos que mencionam o investidor que propiciou financeiramente a obra, o empresário estadunidense Percival Farquar. Ao reportar-se sobre ele, o sujeito da poesia, indiretamente, fala, também, da criação do estado de Rondônia e da sua capital, Porto Velho.

Quando versa sobre a Avenida Farquhar, uma das mais importantes da capital de Rondônia, ele, nos versos [64] “quando passo pela avenida farquar”, [65] “e penso que ela poderia se chamar” e [66] “cassuapá mura gavião caritiana”, questiona o porquê disso ao invés de valorizar um estrangeiro (colonizador), ao não promover um reconhecimento dos tantos povos que foram impactados pela ocupação ádvena, como os citados por ele no verso [66].

Por fim, o sujeito da poesia de “tenho tribo” discorre sobre a miscigenação dos povos, afirmando que todos são iguais, independentemente de qualquer crença, cultura, raça, etc. Isso é visível nos versos “queria dizer pra ti que somos parentes / que mesmo que ignore tu tem muito de mim / e eu tenho muito de ti” [53], [54] e [55]. Ao empreender isso, ele busca mostrar que todos os sujeitos humanos são iguais; logo, não havendo espaço para o preconceito, a discriminação e marginalização das pessoas que fogem dos padrões hegemônicos da sociedade.

Concernente a isso, Moura (2022, p. 72) menciona que as obras de Braga são pautadas por meio da relação intrínseca entre o “fazer poético e o fazer político”, pois nelas são tratadas matérias e críticas sociais, ambientais, políticas e econômicas

relevantes à sociedade. Também, as suas composições buscam mostrar e inserir o leitor em contato com uma poesia contemporânea e de resistência; portanto, uma poesia descolonizadora, haja vista que a estética poética foge dos padrões tradicionais e as abordagens são de persistência, oposição, relutância, recusa e luta ao sistema opressor e desmascaramento das inverdades promovidas pelo colonizador.

Sobre isso Bhabha (1998, p. 351), explana que a modernidade pós-colonial traz à tona social os pesadelos, os sofrimentos e as opressões das pessoas vítimas dessas violências, seja nos anos anteriores, seja na contemporaneidade, isto é, agora no nosso dia a dia. Por esse ângulo, Braga contempla em suas composições esses aspectos que afligem a sociedade atual, como, por exemplo, o poema transcrito abaixo, denominado “parente”, escrito que também compõe a obra *Mormaço*, tal qual “mormaço” e “tenho tribo”.

[1] **parente**
 [2] me perdi da minha tribo
 [3] de minha memória não
 [4] açaí vem pra minha boca
 [5] peixe na folha da bananeira também
 [6] minha casa tem mais jeito de maloca
 [7] de porta sempre aberta pra quem vem
 [8] as vezes me dizer que sou selvagem
 [9] então digo logo pro parente que selvagem
 [10] foram aqueles homens
 [11] que pegaram minha bisavó no laço
 [12] dizendo que estavam amansando ela
 [13] hoje a gente sabe muito bem
 [14] quem precisa ser amansado né parente

(BRAGA, 2016, p. 8. Numeração nossa).

Elizeu Braga no poema “parente” demonstra, tal qual as demais composições estudadas neste capítulo, críticas ao colonizador, ou melhor, ao povo invasor e conquistador da região. Todavia, o que nos mais chama atenção nesse escrito foram os versos [9] “então digo logo pro parente que selvagem”, [10] “foram aqueles homens” e [11] “que pegaram minha bisavó no laço”.

Neles, percebemos a alusão direta que o sujeito da poesia empreende para denunciar os modos cruéis e brutais que os colonizadores praticaram para com as populações nativas, haja vista que o originário é o inimigo dos valores morais; logo, um mal absoluto que precisa ser destruído (FANON, 1965).

O extermínio das crenças, das culturas, das línguas e a matança dos povos originários são frutos que demonstram a tamanha crueldade que os imperialistas fizeram a esses habitantes. Soma-se a isso as brutalidades que cometeram às mulheres indígenas, como abusos psicológicos, violências sexuais, físicas e tantos outros métodos de agressões.

É ciente pelos estudiosos de cultura, história, feminismo e colonialismo que as mulheres são as pessoas que mais sofrem com a subalternidade, posto que elas são duplamente colonizadas, seja pela sociedade dominante, seja pelo seio familiar que as colocam como pessoas inferiorizadas (BONNICI, 2012).

Quando observamos os versos “que pegaram minha bisavó no laço / dizendo que estavam amansando ela” [11] e [12], vemos que o abuso, a violência e as visões de pessoas aculturais, de objetos sexuais e de mão de obra escrava foram meios que o colonialismo menosprezou e submeteu os indígenas, já que “o colonialismo não é uma máquina de pensar, nem um corpo dotado de razão. É a violência em estado primitivo” (FANON, 1965, n.p.).

Fanon (1965) menciona que todo o processo de colonização foi violento, e para que as chagas da colonização sejam removidas, deve haver um levante, uma resistência a todo o processo de subjetificação e opressão imperialista. Nesse sentido, Braga, por meio de seu texto, faz um contradiscurso, mencionando o colonizador como agressor e o colonizado como vítima, bem como menciona quesitos de pertencimento (verso [3] “de minha memória não”) e liberdade; com isso, o autor quebra o essencialismo da literatura hegemônica e transfere aos textos a legitimidade e relevância que eles não tinham (BONNICI, 2009).

Nessa conjuntura, identificamos que – nas três poesias estudadas neste capítulo – foram possíveis encontrar traços descoloniais. Elizeu Braga, por intermédio de suas composições, traz à luz questões políticas, sociais, culturais, identitárias, silenciamento do sujeito, marginalização e opressão cultural e humana. Soma-se a isso, o questionamento ao capitalismo e seus modelos de conquista, invasão e ocupação da região amazônica, sempre com os discursos inverídicos de avanço econômico, social e tecnológico.

Tais fatos promoveram um advento desigual da sociedade local, do mesmo jeito que levou muitos indivíduos ao ostracismo e aniquilação de culturas dos povos originários, já que “a colonialidade do poder [...] aniquilou culturas, subjogou corpos e se infiltrou no interior do tecido social deixando resquícios da engrenagem

extremamente perversa até os dias atuais” (NOGUEIRA; SAMPAIO, 2020, p. 14).

Por conta das violências, opressões e marginalizações sociais, o autor menciona a temática social a partir do enfoque dos resultados da colonização, a disparidade da desigualdade humana e econômica que afligem diretamente os mais vulneráveis, ou melhor, os que estão à margem do corpo social, entre os quais figuram os nativos, negros, mulheres e ribeirinhos.

Ao tratar sobre tais assuntos, Braga adentra no tópico cultural, tanto no que se refere à cultura dominante de subjugar os sujeitos periféricos, quanto no que concerne à cultura em si dos povos locais, como viver na floresta e nas beiradas dos rios. Com isso, em “mormaço”, “tenho tribo” e “parente” tem-se a contemplação de matérias de ordem social, “[...] incorporando coisas corriqueiras do homem e da vida em seus versos. Essa abertura para o mundo torna-se capaz de fundar valores e de fazê-los ressignificar perante a vida e o homem” (SOUZA, s.d., documento on-line).

Por fim, o autor ao debater acerca da identidade, em outras palavras, de pertencimento, proporciona um levante contra a hegemonia, porquanto reconhecer-se é um ato de descolonizar-se e entender quem somos. Dessa forma, quando menciona seu lugar de origem e o valor que ele teve para sua construção identitária, Braga colabora nos ajudando a refletir sobre nós mesmos, seja acerca da nossa concepção enquanto sujeito, seja nos modos que a sociedade nos tenta padronizar e menosprezar.

Como forma de interpelar essas percepções, Braga utiliza uma linguagem performática como modo de angariar mais leitores, críticos e adeptos; assim, os autores de periferia têm mais reconhecimento e, conseqüentemente, “mais sua literatura se aperfeiçoará” (NENEVÉ, SAMPAIO, 2016, p. 12) e chegará a novos lugares e ledores.

Posto isso, apresentamos, na seção a seguir, as considerações finais sobre este estudo do livro *Mormaço*, de Elizeu Braga.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O som da voz é à toa espalhado pelo vento. A própria voz de quem fala traz ainda o som no som cantante o timbre do rolar da correnteza. Tudo ainda está impregnado do rio que corre, que passa, mas deixa na cidade, nas pessoas e nas coisas a sua marca erosiva e legendária.

(Benedicto Monteiro, 1983, p. 51).

Como demonstrado nesta dissertação, vimos que a Teoria Pós-colonial estuda tema “sobre identidade, diferença, interpelação do sujeito pelo discurso dominante e resistência a controles, lugar de escrita, sincretismo cultural” (BONNICI, 2005, p. 27), entre tantos outros assuntos que promovem à pessoa humana um lugar de inferioridade frente àquelas consideradas como superiores.

Os Estudos Pós-coloniais, assim, integram uma nova onda de teorias que visam demonstrar os diversos tipos de opressão e intolerâncias aos sujeitos humanos, tal qual a Crítica Cultural e a Crítica Feminista. Essas novas concepções de estudos buscam desmascarar as mentiras, mostrar as destruições culturais, religiosas, linguísticas que os povos subalternizados sofreram pelo imperialismo, colonialismo, androcentrismo e eurocentrismo.

Em razão dos seus objetos de estudos, essas novas ondas de investigações ingressaram, também, no campo literário, tornando-se teorias essenciais à Literatura. E por ser um campo plural, a Literatura frutificou-se e ganhou novos preceitos, deixando de ser um espaço antes destinado a determinado público, para ganhar novos adeptos. Com isso, ela possibilita conhecer o comportamento humano, o espaço, a cultura, a sociedade, a história, o discurso e a escrita de um povo em determinado período histórico. Além disso, a Literatura permite tratar de assuntos pertinentes à sociedade, seja criticando os diversos modos de exclusão social, seja para apresentar, reconhecer, valorizar e promover a diversidade humana e cultural.

Concernente a isso, temos variados modos de expressar tais aspectos nos textos literários, a exemplo dos regionalismos presentes na Literatura Brasileira de Expressão Amazônica. Essa vertente de escritos literários apresenta em seu interior traços e características da região amazônica, como a linguagem ribeirinha, o discurso caboclo, a história de conquistas do homem em meio à floresta, a relação homem e natureza, o ambiente da região, as culturas dos povos nativos, os mitos e lendas, entre

tantos outros elementos que são mencionados na produção literária da região.

Em face do exposto, Elizeu Braga, poeta, escritor e ator rondoniense, apresenta em suas obras temáticas que envolvem suas experiências de vida, os espaços amazônicos e críticas sociais. Tais conteúdos são mencionados com maestria em seus textos, a exemplo do manuscrito *Mormaço*, obra ao qual o autor traz à luz a localidade ao qual pertence. Além disso, as posições e as concepções que o poeta discorre são vistas como descolonizadoras, porquanto elas figuram como recado direto ao colonizador e à sociedade hegemônica, uma vez que se mostra as indignações e questionamentos que o colonizado possui acerca do corpo social dominante.

Tais aspectos são os traços mais tradicionais das literaturas pós-coloniais. Indagar a hegemonia, desvelar os modelos de relegação social, figuram como temas relevantes para a Teoria Pós-colonial, não se tratando apenas no período da colonização empreendida pelos europeus, mas abrange toda ou qualquer forma de opressão a determinado sujeito ou povo, independente de lugar ou período histórico.

Nessa conjuntura, percebemos nas composições de Braga, a existência de debates sociais, como: as questões de pertencimento e identitário do sujeito; a marginalização, a inferioridade e a subalternidade das minorias; a igualdade étnico-racial; a conquista e a colonização da Amazônia; a discriminação racial, a intolerância de gênero e o preconceito com os nativos e demais indivíduos que ficam à margem da sociedade; e as inverdades ditas como discursos para o progresso da região amazônica. Como, por exemplo, a construção da EFMM, mencionada indiretamente pelo poeta. A implantação dessa ferrovia em meio à selva amazônica trouxe uma degradação cultural e humana no que se refere aos nativos, impacto demográfico em virtude do aumento da população que veio de diversas regiões do planeta para trabalhar na construção dessa linha ferroviária.

Similar a isso, o poeta traz as mentiras do “progresso” ao trazer à luz os impactos ambientais, sociais, econômicos e populacional gerado pela construção das hidroelétricas do Madeira, a saber: a Usina Hidrelétrica de Jirau e a Usina Hidrelétrica de Santo Antônio. Essas grandes obras de infraestrutura geraram um grande impacto ambiental em virtude de represarem a água do rio. Ainda, elas promoveram um expressivo aumento da população na região urbana de Porto Velho e nos distritos de Jaci-Paraná e Nova Mutum, este último sendo construído especialmente para agregar os moradores do antigo povoado de Mutum Paraná, localidade que foi alagada em

virtude das barragens.

Então, temos nas composições de Elizeu Braga um leque de temas relevantes à sociedade, por meio do qual é expressa uma maneira estética particular do autor. Ainda, encontra-se por parte dele uma necessidade de inspirar e instigar as produções literárias partindo do local (FONSECA; DENNY; NENEVÉ, 2022), da mesma maneira que ele proporciona uma valorização e enaltecimento da Literatura Brasileira de Expressão Amazônica e uma incitação, provocação e influência no senso crítico do leitor.

Destacamos que, ao debater sobre tais temáticas, o autor promove uma maneira de atrair o leitor para conhecer a região amazônica, bem como proporciona uma interação entre o autor e leitor sobre assuntos contemporâneos da sociedade, destacando as diferentes maneiras pelas quais os indivíduos marginalizados são representados pelo corpo social dominante.

Como exposto pelo autor nos dois últimos poemas estudados nesta dissertação: o preconceito e discriminação às pessoas residentes em zonas rurais, Em especial as que residem às margens dos rios e distantes dos grandes centros urbanos, que sofrem discriminação em virtude de seu comportamento, sua linguagem entre outros fatores que promovem a intolerância e, também, a hostilidade contra esses sujeitos humanos.

Para discorrer sobre isso, Braga utiliza suas experiências de vida, seu conhecimento teatral e seu saber como performático como aspecto facilitador para tratar sobre tais assuntos. Ao empreender isso, o poeta auxilia e traz o leitor para dentro de sua realidade. Outro fator interessante nas composições de Braga são os modos de declamar suas composições, haja vista que isso nos remete ao estilo musical do Hip Hop, gênero musical marginal que faz críticas sociais, políticas, econômicas e ambientais.

Por haver diversas temáticas em suas obras, ao passo que existem particularidades do autor em usar a linguagem poética, a exemplo dos poemas serem escritos em letras minúsculas e sem pontuações, verifica-se que se encontram muitas possibilidades de pesquisas, análises e investigações nas produções do poeta beradeiro, tendo em vista que nelas há campos que são promissores e relevantes objetos de estudos tal qual o que suscitou este trabalho.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, Maria Betânia Barbosa. BUECKE, Jane Elisa Otomar. A educação no Brasil colonial: revisão bibliográfica e caminhos para pesquisas na Amazônia. *In.*: **Revista história da educação**, v. 24, 2020. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/asphe/article/view/95977>. Acesso em: 15 fev. 2023.

ALMEIDA, Águida Cristina Santos. Brasil colonial x Brasil subdesenvolvido: alguns traços em comum. *In.*: **XI Congresso brasileiro de história econômica**, de 14 a 16 de setembro. Vitória: UFFS, 2015, p. 1-33. Disponível em: https://www.abphe.org.br/arquivos/2015_aguida_cristina_santos_almeida_-brasil-colonial-x-brasil-subdesenvolvido-alguns-tracos-em-comum.pdf. Acesso em: 1 jan. 2023.

ARENDT, Hannah. **A condição humana**. Tradução de Roberto Raposo. 10. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007.

BHABHA, Homi K. **O local da cultura**. Tradução de Myriam Ávila; Eliana Lourenço de Lima Reis; Gláucia Renate Gonçalves. Belo Horizonte: Editora da EFMG, 1998.

BONNICI, Thomas. Introdução ao estudo das literaturas pós-coloniais. *In.*: **Mimesis**, v. 19, n. 1, Bauru, 1998, p. 7-23.

BONNICI, Thomas. **Conceitos-chave da teoria pós-colonial**. Maringá: EDUEM, 2005.

BONNICI, Thomas. Problemas de representação, consolidação, avanços, ambiguidades e resistência nos estudos pós-coloniais e nas literaturas pós-coloniais. *In.*: BONNICI, Thomas (org.). **Resistência e intervenção nas literaturas pós-coloniais**. Maringá: EDUEM, 2009. p. 19-65.

BONNICI, Thomas. O cânone literário e a crítica literária. *In.*: BONNICI, Thomas; FLORY, Alexandre Villibor; PRADO, Márcio Roberto (org.). **Margens instáveis: tensões entre teoria, crítica e história da literatura**. Maringá: EDUEM, 2011, p. 101-128.

BONNICI, Thomas. **O pós-colonialismo e a literatura: estratégias de leitura**. 2. ed. Maringá: EDUEM, 2012.

BONNICI, Thomas. Teoria e crítica pós-colonialista. *In.*: BONNICI, Thomas; ZOLIN, Lúcia Osana (org.). **Teoria literária: abordagens históricas e tendências contemporâneas**. 4. ed. Maringá: EDUEM, 2019.

BOSI, Alfredo. **O ser e o tempo da poesia**. São Paulo: Cultrix, 1977.

BOTELHO, André. A pequena história da literatura brasileira: provocação ao modernismo. *In.*: **Tempo social: revista de Sociologia da USP**, v. 23, n. 2, 2011, p. 135-161. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/ts/article/view/12670>. Acesso em: 5 jan. 2023.

BRAGA, Elizeu. **Cantigas**. Porto Velho: Edison Arcanjo Projeto Gráfico, 2015.

BRAGA, Elizeu. **Mormaço**. Porto Velho: Edison Arcanjo Projeto Gráfico, 2016.

BRAGA, Elizeu. A força imaterial de Elizeu Braga, poeta e performer beradeiro. [Entrevista concedida a] Vítor Ceí e Erlândia Ribeiro. **Revista Caliban**, 2019. Disponível em: <https://revistacaliban.net/a-for%C3%A7a-imaterial-de-elizeu-braga-poeta-e-performer-beradeiro-33330465eb91>. Acesso em: 6 mar. 2023.

BRASIL. **Decreto-lei nº 288, de 28 de fevereiro de 1967**. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/declei/1960-1969/decreto-lei-288-28-fevereiro-1967-376805-publicacaooriginal-1-pe.html>. Acesso em: 4 mar. 2023.

BUBNOVA, Tatiana. Voz, sentido e diálogo em Bakhtin. Tradução de Roberto Leiser Baronas e Fernanda Tonelli. *In.*: **Bakhtiniana**, ago-dez/2011, São Paulo, p. 268-280.

CANCLINI, Nestor García. **A Socialização da arte**: teoria e prática na América Latina. Tradução de Maria Helena Ribeiro da Cunha e Maria Cecília Queiroz Moraes Pinto. São Paulo: Cultrix: 1980.

CAVALCANTE FILHO, Urbano; TORGA, Vânia Lúcia Menezes. Língua, discurso, texto, dialogismo e sujeito: compreendendo os gêneros discursivos na concepção dialógica, sócio-histórica e ideológica da língua(gem). *In.*: **I Congresso nacional de estudos linguísticos**, 18 a 21 de outubro, Vitória, 2011.

CÉSAIRE, Aimé. **Discurso sobre o colonialismo**. Tradução de Noémia de Souza. Lisboa (Portugal): Livraria Sá da Costa Editora, 1978.

CULLER, Jonathan. **Teoria literária**: uma introdução. Tradução de Sandra Vasconcelos. São Paulo: Beca Produções Culturais Ltda, 1999.

DICIO. **Dicionário online de português**. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/mormaco/>. Acesso em: 17 mar. 2023.

EAGLETON, Terry. **Teoria literária**: uma introdução. 6.ed. Tradução de João Azenha. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

FANON, Frantz. **Os condenados da Terra**. Tradução de Serafim Ferreira. Lisboa (Portugal): Editora Ulisses, 1965.

FERNANDES, José Guilherme dos Santos. Literatura brasileira de expressão amazônica, literatura da Amazônia ou literatura amazônica? *In.*: **Graphos**: revista da pós-graduação em Letras da UFPB, v. 6, n. 2, janeiro-2004, p. 111-116.

FIGUEIREDO, Aguinaldo. **História do Amazonas**. Manaus: Valer, 2011.

FONSECA, Ane Caroline Rodrigues dos Santos; DENNY, Cristiane Joelma; NENEVÉ, Miguel. A catequese poética de Elizeu Braga: poemas de descolonização nas vozes que ecoam das margens amazônicas. *In.*: **Revista Igarapé**, v. 15, n. 2, p. 18-33, 2022.

FOUCAULT, Michael. **A ordem do discurso**: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. Tradução de Laura Fraga de Almeida Sampaio. 3. ed. São Paulo: Edições Loyola, 1996.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Editora Atlas, 2002.

GONDIM, Neide. **A invenção da Amazônia**. São Paulo: Marco Zero, 1994.

HUTCHEON, Linda. **Poética do pós-modernismo**: história, teoria, ficção. Tradução de Ricardo Cruz. Rio de Janeiro: Imago Ed., 1991.

IANNI, Octavio. Lendas no novo mundo. *In.*: LOUREIRO, João de Jesus Paes (org.). **Cultura Amazônica**: uma poética do imaginário. 4. ed. Belém: Cultural Brasil, 2015, p. 23-29.

IMAZON, Instituto do homem e meio ambiente da Amazônia. A floresta habitada: história da ocupação humana na Amazônia. *In.*: **IMAZON**, Belém, 2015. Disponível em: <https://imazon.org.br/a-floresta-habitada-historia-da-ocupacao-humana-na-amazonia/>. Acesso em: 10 fev. 2023.

JURANDIR, Dalcídio. **Chove nos campos de cachoeira**. 3. ed. Belém: Cejup, 1991.

LAGOS, Janete da Silva. **A representação do espaço urbano na poética de Elizeu Braga**: imagens de Porto Velho a partir da obra Mormaço. 2022. Dissertação (Mestrado Acadêmico em Estudos Literários) – Programa de Pós-graduação Mestrado em Estudos Literários, Fundação Universidade Federal de Rondônia, Porto Velho, 2022.

LOUREIRO, João de Jesus Paes. Mundamazônico: do local ao global. *In.*: **Revista Sentidos da Cultura**, v. 1, n. 1, jul-dez/2014, Belém. p. 31-40.

LEANDRO, Rafael Voigt. **Alberto Rangel e seu projeto literário para a Amazônia**. 2011. Dissertação (Mestrado em Literatura Brasileira) – Programa de Pós-graduação em Literatura, Universidade de Brasília, Brasília, 2011.

LEDA, Manuela Corrêa. **Teorias pós-coloniais e decoloniais**: para repensar a sociologia da modernidade. 2014. Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) – Curso de Sociologia, Instituto de Ciências Sociais, Universidade Nacional de Brasília, 2014.

LIMA, Samuel Anderson de Oliveira. **Gregório de Matos**: do barroco à antropofagia. Natal: EDUFRN, 2016.

LUYTEN, Joseph Maria. **O que é a literatura popular?** São Paulo: Brasiliense, 1983.

MACHADO, Marco Antônio Calil. Gregório(s) de Matos: padrões de representá-lo(s) e ordens do discurso. *In.*: **Bakhtiana**: revista de estudos do discurso, maio-jun, 2017. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/bak/a/Qf5RRWfGKDPyBGKJwdQy7LP/?lang=pt>. Acesso em: 15 fev. 2023.

MALDONADO-TORRES, Nelson. **Sobre la colonialidad del ser**: contribuciones al desarrollo de un concepto. [s.l.: s.n.], [s.d.], p. 127-167.

MATOS, Gregório. Nasce o Sol e não dura mais que um dia. *In.*: **Jornal de poesia**. Disponível em: <http://www.jornaldepoesia.jor.br/gregoi10.html>. Acesso em: 15 fev. 2023.

MEMMI, Albert. **Retrato do colonizado precedido pelo retrato do colonizador**. Tradução de Marcelo Jacques de Moraes. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.

MONTEIRO, Benedicto. **Verde vagomundo**. 2. ed. Rio de Janeiro: Edições Gernasa, 1974.

MONTEIRO, Benedicto. **A terceira margem**. Rio de Janeiro: Editora Marco Zero, 1983.

MOTTA, Carlos Eduardo Varella Pinheiro. História da literatura brasileira. *In.*: **Infoescola**: navegando e aprendendo. Disponível em: <https://www.infoescola.com/literatura/historia-da-literatura-brasileira/>. Acesso em: 2 jan. 2023.

MOURA, Maycon Douglas Pereira de. **A performance poético-política na obra o Mormaço de Elizeu Braga**. 2022. Dissertação (Mestrado Acadêmico em Estudos Literários) – Programa de Pós-graduação Mestrado em Estudos Literários, Fundação Universidade Federal de Rondônia, Porto Velho, 2022.

MUNIZ, Érika. Elizeu Braga: de histórias, cantos e poemas. *In.*: **Revista Continente**. ed. 267, v. 23, 2020. Disponível em: <https://revistacontinente.com.br/secoes/curtas/elizeu-braga--de-historias--cantos-e-poemas>. Acesso em: 9 mar. 2023.

NENEVÉ, Miguel; SAMPAIO, Sônia Maria Gomes. Pós-colonialismo: promovendo diálogos. *In.*: FERREIRA, Roberto Wensing; PISSINATTI, Larissa Gotti; FERREIRA, Uryelton de Sousa (org.). **Pós-colonialismo**: uma leitura política dos textos literários. São Carlos: Editora Scienza, 2016, p. 11-22.

NEVES, Auricléa Oliveira das. **A Amazônia na visão dos viajantes dos séculos XVI e XVII**: percurso e discurso. Manaus: Valer, 2011.

NOGUEIRA, Mara Genecy Centeno; SAMPAIO, Sônia Maria Gomes. Olhares literários sobre as Amazônias: pós-colonialismo/decolonialismo, identidades e memórias no mar de águas doces. *In.*: CAPAVERDE, Tatiana da Silva; AMARO, Luiz Eduardo Rodrigues; NOGUEIRA, Mara Genecy Centeno (org.). **Perpectivas literárias pós-coloniais**. Boa Vista: Editora da UFRR, 2020, p. 9-25.

ORNELLAS, Sandro. **Poesia como crítica do presente**: da autonomia à pós-modernidade. Ano 3, n. 6. Feira de Santana: UFES, 2018.

PASQUALINI, Joseni Terezinha Frainer. **Literatura brasileira**: do período colonial ao romantismo. Indaial: Grupo UNIASSELVI, 2012.

PINTO, Auxiliadora dos Santos. **A inter-relação entre a literatura e a história no processo de formação do estado de Rondônia**: vozes e marcas identitárias dos sujeitos amazônicos na produção literária de Porto Velho e Guajará-Mirim/RO. 2016. Tese (Doutorado em Letras) – Programa de Pós-graduação em Letras, Universidade Estadual Paulista, São José do Rio Preto, 2016.

PIZARRO, Ana. **Amazônia**: as vozes do rio: imaginário e modernização. Tradução de Rômulo Monte Alto. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2012.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidade do poder e classificação social. *In.*: SANTOS, Boaventura de Sousa; MENESES, Maria Paula (org.). **Epistemologias do sul**. Coimbra (Portugal): Edições Almeida, 2009, p. 73-118.

RODRIGUES, Anderson Luiz Cardoso. A complexidade da cultura amazônica e seu reflexo para a organização e representação da informação. *In.*: **AtoZ**: novas práticas em informação e conhecimento. v.1. n.2. nov/2012. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/atoz/article/view/41309>. Acesso em: 12 maio 2023.

RONDONIAVIVO. Elizeu Braga: águas que me tocam: último dia do festival mostra relação do poeta e o movimento do rio. *In.*: **Rondoniavivo Canal 10.1**. Disponível em: <https://www.rondoniavivo.com/noticia/cultura/2022/06/09/elizeu-braga-aguas-que-m-e-tocam-ultimo-dia-do-festival-mostra-relacao-do-poeta-e-o-movimento-do-rio.html>. Acesso em: 9 mar. 2023.

ROSA, Carolina Schenatto; SILVA, Gilberto Ferreira. Metodologias de(s)coloniais: possibilidades para pesquisa em educação desde o sul. *In.*: **SEFIC2017 UNILASALLE**: a pesquisa e o respeito à diversidade. Canoas: Universidade La Salle, 2017.

SAID, Edward. **Cultura e imperialismo**. Tradução de Denise Bottmann. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

SALGADO, Marcus Rogério. Entre ritmo e poesia: rap e literatura oral urbana. *In.*: **Scripta**: revista do programa de pós-graduação em Letras e do curso de estudos luso-afro-brasileiros da PUC Minas, v.19, n. 37, 2015. Belo Horizonte, p. 151-163. Disponível em: <http://periodicos.pucminas.br/index.php/scripta/article/view/P.2358-3428.2015v19n37p153/9666>. Acesso em: 11 maio 2023.

SCHELL, Márcio. Poíesis, crítica e escritura: Novalis, Schlegel e o legado teórico do primeiro romantismo alemão. *In.*: BONNICI, Thomas; FLORY, Alexandre Villibor; PRADO, Márcio Roberto. **Margens instáveis**: tensões entre teoria, crítica e história da literatura. Maringá: EDUEM, 2011. p. 163-190.

SILVA, Allison Marcos Leão da. **Representações da natureza na ficção amazonense**. 2008. Tese (Doutorado em Letras: Estudos Literários) – Programa de Pós-graduação em Letras: Estudos Literários, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2008.

SILVA, Claudionor Renato; DRUMOND, Viviane. A teoria pós-colonialista em um

referencial ao estágio na educação infantil. *In.*: **Revista educação e emancipação**, v. 14, n. 1. jan-abr/2021. São Luís. p. 85-110. DOI: <http://dx.doi.org/10.18764/2358-4319.v14n1p85>.

SILVA, Joaquim Norberto de Sousa. **Capítulos de história da literatura brasileira e outros estudos**. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, 2001.

SILVA, Jorge Cleibson França da. **A representação da mulher na obra Aquele um do escritor paraense Benedicto Monteiro**. 2020. Dissertação (Mestrado Acadêmico em Estudos Literários) – Programa de Pós-graduação Mestrado em Estudos Literários, Fundação Universidade Federal de Rondônia, Porto Velho, 2020.

SILVA, Natalie Ferreira Carvalho; PAULA, Luciane de. **O ritmo e a poesia do hip hop brasileiro: voz marginal**. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/125206/ISSN2178-860X-2011-01-01-110-115.pdf?sequence=1&isAlloWed=y>. Acesso em: 10 maio 2023.

SOUZA, Alisson Preto. Estudos culturais, estudos literários e discussão pós-colonial: refletindo sobre o pensamento crítico. *In.*: **Revista PHILIA: filosofia, literatura e arte**, v.1, n. 2, out/2019, Porto Alegre. p. 22-41.

SOUZA, Charlyene Santos. **Poesia como instrumento de crítica social**. Disponível em: <http://www.gelne.com.br/arquivos/anais/gelne-2014/anexos/473.pdf>. Acesso em: 11 maio 2023.

SOUZA, Márcio. Literatura na Amazônia ou literatura amazônica? *In.*: **Revista Sentidos da Cultura**, v.1, n. 1, jul-dez/2014, Belém. p. 25-30.

SOUZA, Márcio. **História da Amazônia: do período pré-colombiano aos desafios do século XXI**. Rio de Janeiro: Record, 2019.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. **Pode o subalterno falar?** Tradução de Sandra Regina Goulart Almeida; Marcos Pereira Feitosa; André Pereira Feitosa. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

WALTER, Roland. Vozes ameríndias das américas: literatura, descolonização e autoderminação. *In.*: **Ilha do desterro: revista de língua inglesa, literaturas em inglês e estudos culturais**, v. 74, n. 1, jan-abr, Florianópolis, 2021. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/desterro/article/view/73796>. Acesso em: 20 fev. 2023.

WELLEK, René; WARREN, Austin. **Teoria da literatura**. Tradução de José Palla e Carmo. Lisboa (Portugal): Publicações Europa-América, 1962.

WELLEK, René; WARREN, Austin. **Teoria da literatura e metodologia dos estudos literários**. Tradução de Luis Carlos Borges. São Paulo: Martins Fontes, 2003.